

# JORNAL DOS VIZINHOS

O OLHAR DOS VIZINHOS NO JORNAL DA ZONA

8ª edição

Dezembro • 2025

Distribuição gratuita • Venda proibida



ESCOLA  
DO OLHAR

EDIÇÃO ESPECIAL



ROTA DOS  
TAMBORES  
ATLÂNTICO

ROTA DOS  
TAMBORES  
ATLÂNTICO



*Edição especial com o projeto Rota dos Tambores do Atlântico (RTA), resultado de uma parceria entre a OEI – Escritório de Portugal e a Coope-*

*ração Portuguesa, enquadrado por um protocolo entre o Camões, I.P., e a Organização de Estados Ibero-americanos (OEI).*

**O** *Olhar dos Vizinhos no Jornal da Zona*, projeto literário que, desde 2017, incentiva deslocamentos e circulações entre histórias orais passadas de geração para geração pelos coletivos, moradores e ativistas da Zona Portuária do Rio de Janeiro, chega à sua 8ª edição. E esta, como as anteriores, mostra propostas de integração e resgate de tradições em ações voltadas para a valorização dessa região e de quem vive nela, fazendo uma confluência entre as gerações e seus saberes.

Um dos destaques e inspirações desta edição é o projeto *Rota dos Tambores do Atlântico*, iniciativa da Organização dos Estados Ibero-americanos que, em parceria com a Escola do Olhar, realizou o curso “Do MAR para dentro: a Pequena África como passado-presente” do qual resultou uma rota cultural, educativa e turística da Pequena África e, dela, um jogo lúdico desenvolvido pela Equipe da Escola do Olhar. A história da Pequena África e

dos que a constituem é a história dos Tambores do Atlântico. Conduzidos pelo formato de roda do instrumento de percussão, pretende-se que sons, imagens, saberes e personagens continuem circulando, levando a pensar caminhos dentro desse território tão diverso.

A ideia é espiralar narrativas, mostrando quem já passou pela Pequena África e continua influenciando os que nela vivem e constroem suas memórias a partir de seus corpos. Um dos textos desta edição, por exemplo, tem Antônio Carlos Rodrigues, primeiro guia de turismo da região, apresentando a figura de Dino 7 Cordas. Na sequência, dois jovens músicos contam suas histórias e atravessamentos dentro do Morro do Pinto, onde Dino nasceu e cresceu.

Que a leitura desta edição seja agradável e calorosa como a convivência entre os vizinhos.

**Lucas Padilha**

Secretário Municipal de Cultura do Rio de Janeiro

A cultura é um organismo vivo, que pulsa no tempo e se reconstrói a cada geração. Na Organização dos Estados Ibero-americanos (OEI), acreditamos que o nosso papel é fortalecer os ecossistemas que nutrem essa vitalidade. Por isso, celebramos a sinergia entre *O Olhar dos Vizinhos no Jornal da Zona* e a nossa iniciativa, a *Rota dos Tambores do Atlântico*. Ambos os projetos convergem para um território de imenso valor simbólico e histórico: a Pequena África no Rio de Janeiro. Enquanto o Jornal, em sua 8ª edição, tece uma espiral de narrativas de moradores e coletivos, a Rota dos Tambores, em parceria com a Escola do Olhar, mapeia e difunde esses mesmos saberes através de um curso, um jogo lúdico e uma rota cultural, educativa e turística.

### Raphael Callou

Diretor-Geral de Cultura  
Organização dos Estados  
Ibero-americanos (OEI)

Esta edição do Jornal, inspirada pela Rota, faz circular as histórias orais que são a alma da Pequena África, repletas de ancestralidade. Ao conectar mestres, como Dino 7 Cordas, a jovens músicos do Morro do Pinto, o projeto materializa nossa missão de promover o diálogo intergeracional e de valorizar a memória como um ativo para o futuro. Ao apoiar esta iniciativa, a OEI reafirma o seu compromisso com uma cultura de base comunitária, que reconhece e potencializa os saberes do território.



É com muito orgulho que, nesta 8ª edição d' *O Olhar dos Vizinhos no Jornal da Zona*, apresentamos o fortalecimento da memória e das práticas culturais da região portuária do Rio de Janeiro: o projeto *Rota dos Tambores do Atlântico*. A iniciativa, realizada pela Organização dos Estados Ibero-americanos (OEI) em parceria com a Escola do Olhar, dedica-se a construir caminhos de conhecimento e valorização da Pequena África, um território fundamental para a formação cultural do Rio de Janeiro e do país. A presença da Rota dos Tambores inspira profundamente esta publicação, cujo propósito é fomentar deslocamentos, encontros e circulações entre histórias orais partilhadas de geração em geração. É com esse compromisso e, tendo em vista essa missão, que a OEI e o Museu de Arte do Rio, ao longo de sua trajetória conjunta, celebram, reconhecem e asseguram este espaço de memória.

### Rodrigo Rossi

Diretor e Chefe da  
Representação da OEI no Brasil

A edição especial d' *O Olhar dos Vizinhos no Jornal da Zona* com a *Rota dos Tambores do Atlântico* (RTA) é um patrimônio vivo que reflete a apropriação comunitária de um bem cultural ancestral que se projeta no cotidiano. Efetivamente, o projeto RTA visa criar uma rota cultural, educativa e de turismo em torno de instrumentos de percussão ancestrais partilhados entre a África e a América Latina, promovendo a recuperação, preservação, valorização e divulgação deste patrimônio e o desenvolvimento socioeconômico das comunidades. Assim, inserida no Programa Redes e Territórios do Vizinhos do MAR, da Escola do Olhar, a parceria entre o Museu e a Rota dos Tambores concretizou-se na iniciativa “Do MAR para dentro: a Pequena África como passado-presente”. Em colaboração com o Laboratório de Estudos Africanos da Universidade Federal do Rio de Janeiro, mapeou-se a presença africana no território, nas tradições, nas redes de sociabilidade e nos potenciais pontos para a construção da RTA, incluindo uma cartografia dos sons da Pequena África, através de encontros na Oficina “Cartografias da Pequena África”.

Destas partilhas resultaram um dispositivo artístico criado pela Equipe da

Escola do Olhar, disponível para as escolas, onde rotas possíveis dentro da Pequena África emergem de cartas; e imagens gráficas, criadas por Alberto Pereira, artista convidado, inspiradas nos sons do território e na imagética do tambor, compõem a concepção artístico-visual do Jornal. O envolvimento dos Vizinhos foi sempre central e as suas vozes neste Jornal, que leremos com emoção, deixarão enriquecedoras perspectivas sobre quantas “pequenas Áfricas” podem existir nesta região.

### Ana Paula Laborinho

Diretora do Escritório da OEI  
em Portugal e Diretora Geral de  
Multilinguismo e Promoção das  
Línguas Portuguesa e Espanhola





O *Olhar dos Vizinhos* no *Jornal da Zona*, publicação da Escola do Olhar, um polo de educação, pensamento e formação do Museu de Arte do Rio (MAR), é uma ferramenta essencial para fortalecer os laços entre o MAR e a região da Pequena África. Nesta nova edição, o jornal valoriza histórias, perspectivas e saberes dos moradores, criando um espaço de diálogo e construção coletiva. Ao dar voz aos nossos vizinhos, promovemos pertencimento, ampliamos a circulação de narrativas locais e reafirmamos o Museu como um território vivo e pulsante, onde educação, cultura e comunidade se encontram e se transformam. De modo que o MAR é mais do que apenas um equipamento cultural; é ação, é instrumento de acesso que promove encontros e afetos. A publicação traz diálogos sobre ancestralidade, gênero, território, raça e as diversas narrativas que o Museu e a Escola do Olhar se propõem a escutar e ampliar. Por isso, realizar o *Jornal dos Vizinhos* é uma forma de abrir as possibilidades, de subverter o lugar e fazer reverberar em seus leitores uma poética singular e diversa. Boa leitura!

**Marcelo Velloso**  
Diretor-Executivo do  
Museu de Arte do Rio



# APRESENTAÇÃO

JORNAL DOS VIZINHOS 2025

O OLHAR DOS VIZINHOS NO JORNAL DA ZONA

*“Em suas espirais tudo vai e tudo volta, não como uma similaridade especular, uma prevalência do mesmo, mas como instalação de um conhecimento, de uma sophya, que não é inerte ou paralisante, mas que cineticamente se refaz e se acumula no Mar-Oceano [...]”*

— Leda Maria Martins, *Performances do tempo espiralar: poéticas do corpo-tela*, Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

Movidos pela compreensão de que o conhecimento se faz em movimento, o MAR, desde sua inauguração em 2013, tem em seus pilares, por meio da Escola do Olhar, um compromisso profundo: dialogar com o território que o sustenta e com as histórias que o atravessam, por meio do Programa dos Vizinhos. Esse gesto se torna ainda mais significativo porque sua localização na Pequena África o insere diretamente em um território marcado por fluxos diaspóricos, onde as culturas negras se enraizaram, resistiram e seguem se reinventando cotidianamente. É nesse contexto vivo e potente que nossas ações se inserem.

Inspiradas pelo princípio de que *“tudo vai e tudo volta”*, de Leda Maria Martins, as práticas da Escola do Olhar se organizam como um fluxo contínuo, no qual cada retorno abre novas camadas de sentido. Trabalhar com o território e com seus moradores é reconhecer que as histórias se movem, que as experiências ganham outras formas e que os saberes se transformam mutuamente. Para dar um passo adiante, muitas vezes é preciso voltar ao passado: revisitar o vivido, escutar de novo, olhar de novo. É nesse ir e vir que nossas ações se fortalecem, permitindo que cada gesto compartilhado dê origem a novas possibilidades de olhar, de existir e de criar outras memórias.

Ao longo deste ano, durante os encontros do Café com Vizinhos, realizados nas manhãs de todo segundo sábado do mês na Escola do Olhar, fomos atravessados pelo exercício de revisitar memórias a partir da escuta sensível dos moradores. Ali, entre conversas e afetos, surgiram inquietações sobre a relação entre passado e presente na Pequena África: quantas e quais histórias contam e formam esse território em diferentes espaços-tempo? Como as narrativas se reinventam? Quais disputas seguem pulsando? Para acolher essas perguntas, mais uma vez fizemos da escuta coletiva nosso ponto de partida.



Em 2025, o Programa dos Vizinhos também dialogou e construiu junto ao projeto *Rota dos Tambores do Atlântico*, fruto de uma parceria entre a OEI – Escritório de Portugal, a Cooperação Portuguesa e o Camões, I.P. Para que uma rota cultural, educativa e turística que promovesse o diálogo intercultural e a inclusão social pudesse ser sonhada e articulada na Pequena África, foi necessário o encontro de muitas histórias, pessoas e redes. Contamos com a colaboração das pesquisadoras e pesquisadores do Laboratório de Estudos Africanos (LEÁFRICA) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), coordenado pela Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Mônica Lima; com a parceria de nossos vizinhos, em especial Seu Antônio, um dos fundadores e atual Secretário Geral do Instituto Preto Novos (IPN), guia local e grande referência no território; além do envolvimento de toda a Equipe da Escola do Olhar.

Desse trabalho em conjunto nasceu a construção dos conteúdos do curso “Do MAR para dentro: a Pequena África como passado-presente”, dedicado a investigar a presença africana na Zona Portuária e a compreender os modos de vida, tradições e expressões culturais que conectam o que fomos ao que seguimos sendo e queremos ser. A partir das

reflexões compartilhadas no curso, mergulhamos posteriormente em oficinas práticas no território, aprofundando vínculos e descobrindo novas perguntas.

Todo esse processo de elaboração da Rota dos Tambores nos incentivou a olhar para os deslocamentos e a perceber como os caminhos da Pequena África dialogam com ritmos e heranças vindos de atravessamentos oceânicos. À Rota se somou ainda a elaboração da 8ª edição d’ *O Olhar dos Vizinhos no Jornal da Zona*, ampliando nossa capacidade de fazer circular histórias, vozes e memórias que atravessam o território pela força da oralidade e da experiência compartilhada.

Nesta edição do Jornal dos Vizinhos, buscamos criar um espaço em que sons, imagens e saberes continuem girando, encontrando e se renovando a partir de novas direções e escutas. O que apresentamos aqui é fruto do percurso que construímos ao longo deste e dos últimos anos, em um movimento constante de retorno e avanço como as águas do mar. Como diz a Yalorixá e nossa vizinha Mãe Celina de Xangô, “*a travessia nos ensina a escutar*”.

**Patrícia Marys**

Coordenadora de Educação de Equipamentos Culturais e Escola do Olhar (MAR)



## ENTRE MEMÓRIAS E PERMANÊNCIAS:

AS HISTÓRIAS QUE CONSTROEM O TERRITÓRIO

A Zona Portuária do Rio, território construído pela população negra, é atravessada por múltiplas camadas de história e transformação. Um espaço onde memórias individuais e coletivas se entrelaçam, absorvendo e construindo narrativas. Pensando nisso, o Programa Vizinhos do MAR propôs para 2025 pensar em suas “memórias e permanências”, ao invés de abordar apagamentos, pois ao mesmo tempo em que nossas memórias sensíveis não podem ser esquecidas, também não podemos deixar de celebrar nossas heranças e inteligências. No ano anterior observamos individualidades que atingem o coletivo; neste, nos debruçamos mais sobre os locais e suas histórias. Todas as pautas dos vizinhos são construídas organicamente e moldadas a partir dos encontros com a vizinhança, assim como tudo que escrevo é reflexo disso. Pudemos então pensar nas histórias do território a partir das pessoas, construindo uma “nova historiografia” a partir delas.

A memória é um terreno de disputas e também instrumento de permanência – de identidades, de culturas e formas de viver. Cabe a nós um trabalho de escuta, absorção e devolução das demandas populares. Registrar, preservar e compartilhar histórias é um ato de reconhecimento e valorização dos saberes cotidianos, das lutas individuais e dos vínculos comunitários. Desta forma nos encontramos com os vizinhos pudemos trabalhar conceitos relevantes que se deram de variadas maneiras, como através da oralidade, da música, das memórias, religiosidades, afetos, através de pessoas idosas, adultas e crianças.

Os tradicionais encontros do Café começam em março. Neste ano abrimos os caminhos contando histórias sobre o começo, entendendo a importância das oralidades, dos Griots e de quem são essas figuras no mundo de hoje – entrelaçando passado, presente e futuro. Assim fomos avançando o ano, conhecendo personagens pouco divulgados ou conhecidos.



“Subimos”, ainda que em imaginação, o Morro do Pinto para conhecer sua história e o mundo de Dino 7 Cordas, figura essencial para o samba e para o choro. Através da musicalidade tivemos outra manhã maravilhosa, desfrutando das canções, interpretações e “histórias relatos” sobre blocos carnavalescos que ajudam a contar a história do carnaval carioca, trazidas por vizinhos que são crias do Morro do Pinto. De volta aos Griots, o Café também foi palco do lançamento do livro de Mãe Celina de Xangô, cuja história se confunde com o próprio território. Visitamos juntos as exposições do Museu, “Retratistas do Morro” e “Nossa Vida Bantu”, refletindo sobre como as memórias

e os sons que carregamos do nosso território nos afetam, através de brincadeiras, reflexões e trocas. E por falar nas heranças da cultura Bantu, a capoeira foi uma que invadiu o dia das crianças por aqui, encantando e cativando todo público ao redor, numa vivência a partir das obras de arte dentro da exposição “Nossa Vida Bantu” e nos pilotis, que foram ocupados com nossos corpos e canções para celebrar nossa cultura.

Em novembro, finalizamos os encontros com chave de ouro, numa profunda e rica troca sobre a história de uma das mais ilustres moradoras da Pequena África, a Tia Ciata, com um copinho de café nas mãos aprendemos juntos como ela é um ótimo exemplo

da diversidade das heranças afro-diaspóricas.

Ao traçarmos os planos para a execução do projeto *Rota dos Tambores do Atlântico* percebemos que os objetivos estavam bem alinhados com o que propõe o Programa dos Vizinhos: promover o diálogo intercultural e a inclusão social. Através deste projeto pudemos pensar como esse capital simbólico poderia se desdobrar em nosso território, e tiramos do papel ao menos duas vontades já antigas. A primeira, a de realizar o curso “Do Mar para dentro: a Pequena África como passado-presente”, que nos trouxe um embasamento teórico sobre as diversas presenças africanas e seus desenrolares na Pequena África Carioca.



Ao posicionar moradores e pesquisadores lado a lado como proponentes dos assuntos das aulas, pudemos materializar um dos compromissos da Escola do Olhar, sobre respeitar todos os tipos de saberes e a partir deles produzir e disseminar o conhecimento. O segundo desejo foi a construção das oficinas “Cartografias da Pequena África” no território. Em quase dois meses e cinco encontros, ultrapassamos as paredes do Museu para estarmos ainda mais integrados com o que é hoje este território. Do Caju à Praça Onze, as oficinas trouxeram tanto ao Programa quanto aos vizinhos, pesquisadores, estudantes, visitantes e turistas, um contato e uma

vivência real com os assuntos abordados e a dimensão ampliada do que pode ser essa grande Pequena África. Passamos por sombras de árvores, ruas, ladeiras e praia, sempre com muita energia e curiosidade. Ocupamos vários pontos da cidade e estávamos, literalmente, à flor da terra. E é com o pé na terra e o coração aberto que construímos tantas relações. Ao final da última oficina que rolou no simbólico Cais do Valongo, o comentário de uma moradora da Providência há mais de 40 anos me chamou a atenção: “*Estou redescobrimdo o meu território*”.

Certamente não chegaremos perto de esgotar os assuntos que rondam essa

rica e importante região. O jornal será, assim, um espaço coletivo de expressão, escuta e fortalecimento de vínculos, promovendo a conexão afetiva entre moradores, o Museu e o território. Que tenhamos rotas de esperanças, variadas e livres manifestações dos tambores, e que as águas atlânticas que outrora viram tanta dor, possam ver e celebrar cada vez mais a cooperação entre os povos. Continuamos daqui abertos às histórias para transformar o Museu que é vizinho deste território.

Uma ótima leitura!

**Felipe Viana**  
Educador de Projetos da



# SOMÁRIO

01

O olhar da arte encontrou o MAR em mim  
Poesia de *Francisco Valle*

## GUARDIÕES DA MEMÓRIA

Mãe Celina de Xangô e seu compromisso ancestral  
por *Mãe Celina de Xangô e sua Equipe*  
Os griôs e a contação de histórias negras  
por *Camila Zarite*  
Gingando entre oceanos  
por *Mestre Batata da Capoeira*

02

## PERSONAGENS DA REGIÃO

Todos os caminhos nos levam à Tia Ciata  
por *Gracy Mary Moreira*  
A história de Dino 7 Cordas é a  
história da nossa música  
por *Antônio Carlos Rodrigues*

03

## SONS DO MORRO

As músicas que a pequena África canta  
por *Raphael Pippa e Luz Fogaça*

13

14

17

20

23

26

28

04

## ROTA DOS TAMBORES DO ATLÂNTICO: AS OFICINAS

“Ó Praça Onze tu és imortal” - *A Praça Onze* 33  
“As ruas falam” - *O Morro da Conceição* 36  
“O Caju também esteve à flor da terra” - *O Caju* 38  
“Entre becos e vielas, raízes de uma casa afrorreligiosa  
na Providência” - *O Morro da Providência* 41  
“O tambor continua ecoando” - *O Cais do Valongo* 43

05

## ROTA DOS TAMBORES DO ATLÂNTICO: O JOGO

Um Caminho Pela Pequena África 48  
por *Guilherme Carvalho*





# O OLHAR DA ARTE ENCONTROU O MAR EM MIM

POR FRANCISCO VALLE

*É tão bonita a arte do encontro  
Quando se caminha pela Praça  
Mauá, berço da negritude an-  
cestral, é linda  
Encontra-se o chão de luta,  
liberdade e reparação  
Encontra o MAR  
Bons ventos me trazem aqui...  
Museu de Arte do Rio de Janeiro  
Cartão-postal, monumento ar-  
quitetônico cultural e afirmação  
de um povo, que é o nosso povo,  
raiz forte que construiu este país  
chamado Brasil  
O povo sul africano  
E cobro aqui o sorriso vibran-  
te dos educadores, junto ao  
OLHAR humano que me toca,  
nos toca, como tambor que res-  
soa além do MAR, MAR de arte,  
sabedoria, consciência social,  
entretenimento, debates, histó-  
ria e apertos de mãos calorosos  
Encontro do encontro, como  
o encontro neste café. Todo o  
segundo sábado do mês, encon-  
tramos amigos possíveis e aber-  
tos a receber de braços abertos*

*e palavras abertas  
Educadores, funcionários do  
MAR, que bom encontrar vocês  
aqui de novo  
Há ainda outro encontro, entre  
tantos peculiares, pitorescos no  
melhor sentido da palavra...  
Encontrar vizinhos que cruza-  
mos e não percebemos, na lou-  
cura do relógio, dia a dia Vizi-  
nhos alguns, que conhecemos de  
vista ou com alguma convivên-  
cia, afinidade ou hospitalidade  
típica carioca  
Bom dia! Tudo bem, vizinho?  
Muito prazer, ou nos encontra-  
mos de novo? Bom revê-lo aqui  
no MAR  
Aí se forma um encontro, que é  
semente de novas conexões for-  
tes entre pessoas diversas, com  
histórias de vida inspiradoras,  
que juntas podem transformar  
este lugar, nosso lugar, nossa  
casa em um MAR infinito de  
possibilidades tangíveis e ini-  
magináveis através da arte e da  
história, por exemplo*

*Sob o OLHAR da ESCOLA DO  
OLHAR, que nos recebe e aco-  
lhe, com tanta delicadeza, aqui  
dentro desse MAR, enxergamos  
todas as cores, origens, conhe-  
cimento, resgate histórico...  
Descobrimos um MAR dentro  
de nós, e nós todos somos o  
OLHAR da ESCOLA DO OLHAR.  
Então... Vamos tomar café?  
Melhor ainda é encontrar um  
debate que nos faz refletir sobre  
o atual e o relevante, nos tra-  
zendo o OLHAR do OLHAR pra  
provocar pequenas mudanças  
internas e inspirar ao redor vizi-  
nhos e todos além MAR.*

*Muito obrigado, ESCOLA DO  
OLHAR!  
Muito obrigado, MAR!  
A arte do encontro é se encon-  
trar em si pra depois ajudar o  
outro a se encontrar na imen-  
sidão do seu MAR interior, pra  
transbordar um novo OLHAR  
pro mundo.*



## 01

## GUARDIÕES DA MEMÓRIA

MÃE CELINA DE XANGÔ E  
SEU COMPROMISSO ANCESTRAL

POR MÃE CELINA DE XANGÔ E SUA EQUIPE

O ritual de estar em roda para conversar ou ouvir as histórias é, na nossa perspectiva, compromisso, travessia e resultado. Se faz resultado porque vem de um desejo – e necessidade – de preservar memórias, registrar existências e compartilhar fazeres.

Em junho, a convite do Museu de Arte do Rio, aconteceu um encontro para falarmos de memória, preservação, ancestralidade e da nossa querida Região Portuária. Mãe Celina de Xangô, yalorixá, ativista, agente de cultura e moradora da Pequena África, falou sobre seu novo livro, “Compromisso Ancestral”, que trata da sua experiência, dentre outras, no Sítio Arqueológico do Cais do Valongo, num agradável café da manhã com roda de conversa e descontração com os vizinhos do MAR.

Na roda, circularam palavras e tempos sobre os quais a Mãe

de Santo chamou atenção. Uma das ações que debatemos foi quando ela participou do reconhecimento dos objetos sagrados içados no sítio arqueológico do Cais do Valongo. Estes itens não se encontram mais soterrados, mas ainda estão sob a condição de objeto arqueológico: permanecem guardados, encaixotados, embalados. Quando os objetos que compõem a memória, a história e a ancestralidade de múltiplos povos espalhados pela Região Portuária, pela Pequena África, por toda a cidade do Rio de Janeiro e pelo continente ganharão a devida visibilidade, valorização e reconhecimento?

Eles são parte significativa da história de um povo. São não só as memórias de Mãe Celina, das crianças e dos vizinhos e vizinhas do MAR que estiveram ali presentes, mas de uma nação. É preciso refletir sobre como estamos pre-

servando nossas origens e o que estamos fazendo para que esta história se mantenha sendo repetida, evocada e ouvida. E mais: o que estamos fazendo para que este Cais não volte a ser soterrado e esquecido? Quando esses itens estarão plenamente acessíveis para conhecimento da população e, também, para pesquisa, documentação e divulgação da cultura material dos povos que por ali passaram?

As suas viagens, os livros, falas, oficinas e obras de arte são algumas das maneiras que Mãe Celina diz ter de preservar a memória ancestral da qual ela é resultado. Ela acredita que se cada um dos personagens e personalidades da região contarem suas histórias e realizarem seus ofícios, estaremos colaborando para a preservação e, também, para a construção da memória ancestral deste chão.



Ela conta que foi Mãe Beata que a abençoou e afirmou que o legado do Cais lhe pertencia. Dito e feito: o Cais do Valongo possibilitou que ela chegasse a lugares antes inimagináveis, honrando a memória de quem preparou os caminhos por ela trilhados. Recebendo com humildade esta missão, costuma dizer que “quando a gente fala de Orixá a gente fala de caminho, e é nessa travessia que a gente vai se encontrando”.

**Sua fala nos inspira especialmente neste lugar: nos convidando a ser também resultado ancestral dos passos e esforços daqueles que vieram antes de nós, que construíram e pavimentaram, com suas inteligências e tecnologias, os espaços que podemos ocupar, demandar e conquistar. Esta é, para a yalorixá, sua missão com o Cais do Valongo e com a região da Pequena África: trilhar, demarcar e registrar suas (e nossas) eternas travessias!**

Cada pessoa tem a sua travessia e, de certa forma, o compromisso de trilhá-la. Ela nos leva a encontros, desafios e momentos de muito trabalho para alcançar o que queremos e o que nossa ancestralidade preparou pra nós, um compromisso. A travessia nos ensina a escutar. É trilhando que escutamos nossa ancestralidade, resgatamos e reescrevemos memórias de uma região e de diversos povos. Contando histórias nós honramos quem veio antes, e isso é respeitar e preservar. São as nossas e as suas travessias que ficam marcadas como registro e como a própria preservação da memória ancestral. Mãe Celina de Xangô nos conta a sua e convida cada pessoa – do seu jeito e no seu melhor – a contar as nossas travessias. Elas são um Compromisso Ancestral.

Já enquanto comunidade e como Instituição, Mãe Celina acredita que nosso compromisso com o chão onde pisamos e com os lugares que atravessamos é preservar sua memória e contar as histórias de quem por ali passou e passa. Passar pelas ruas, pelos portos, cais e aeroportos é atravessar memórias, tempos, ancestralidades e, principalmente, ir de encontro àqueles que delimitavam nossos espaços, caminhos, travessias e existências.

Ser quem somos e realizar aquilo que só nós podemos fazer é o que Celina, como mulher preta, cidadã, trabalhadora, yalorixá e em suas atividades diversas, busca: “é com meu trabalho, com tudo que faço, respeitar a memória das ancestrais, do território, dos meus”. Para ela não basta ser uma pessoa preta: tem que saber de onde veio, tem que saber sua origem.





Preservar memórias é, portanto, poder entregar às pessoas um cordão umbilical. Poder oferecer a oportunidade de chegar em um lugar importantíssimo para a história mundial e, principalmente, para a história das pessoas afrodescendentes. É olhar para espaços como o Cais do Valongo e toda Pequena África sabendo que por ali passou a história e que há pertencimento.

Toda oportunidade de registrar sua travessia e instigar instituições e outras pessoas à preservação e manutenção da sua memória e suas origens importa. Imensa gratidão e respeito ao Museu de Arte do Rio e às pessoas incríveis que compõem esta equipe. Em especial, agradecemos ao querido Felipe Viana pelo esforço de reunir, registrar e possibilitar as trocas de axé e de memórias que resultaram deste Café com Vizinhos. Elas são também resultado do trilhar dos seus caminhos ancestrais, da sua travessia e do compromisso ancestral assumido pelo Museu de Arte do Rio com a Região Portuária, a Pequena África e sua comunidade. Muito obrigada!

## OS GRIÔS E A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NEGRAS

POR CAMILA ZARITE

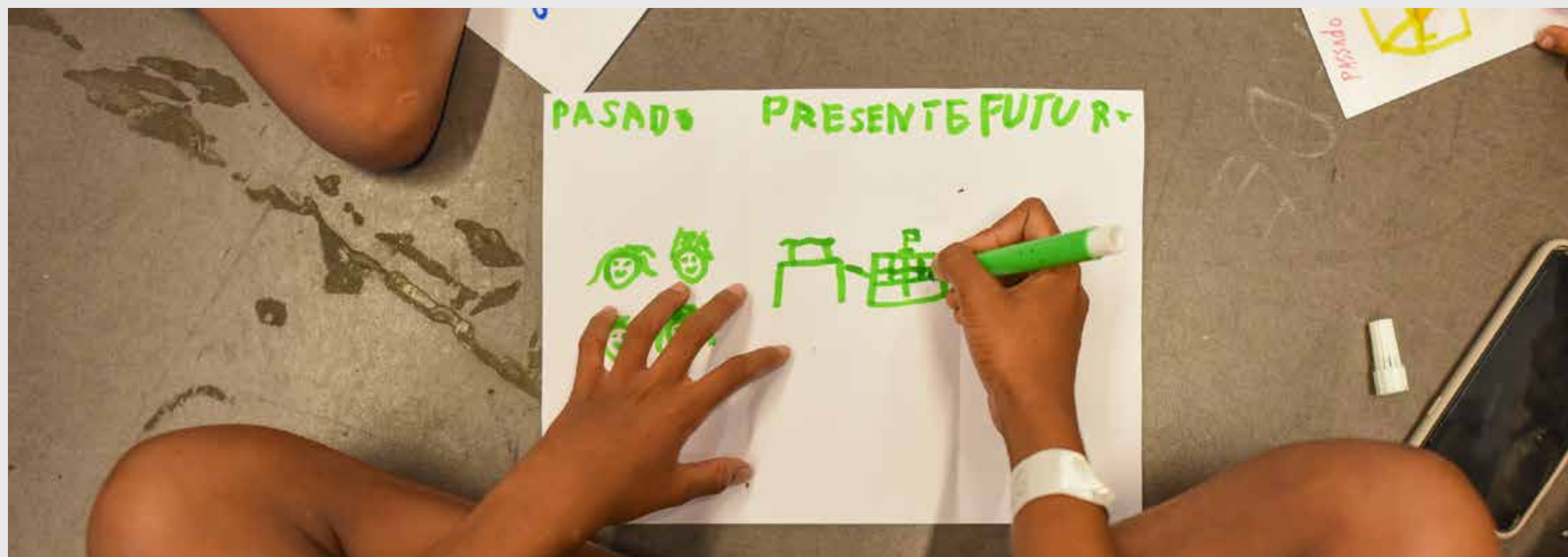
Eu amo a infância e tudo que ela promove. Me chamo Camila Zarite e não por registro civil, mas sim porque renasci ao chegar em terras cariocas com 22 anos. Nasci no Rio Grande do Sul e quem nasce preta em um dos estados mais racistas do Brasil sabe bem onde aperta o sapato. Foi no Rio de Janeiro que pude viver minha negritude de forma plena, assumindo meus cabelos naturais e ganhando a cada dia mais orgulho de ser descendente de africanos.

A contação de histórias negras que realizo tem como referência o trabalho dos Griôs, pessoas que têm como objetivo preservar a memória social das comunidades – uma vez que garantem a manutenção da cultura através da oralidade. Em África, os griôs respeitavam a linhagem familiar, ou seja: se um griô tiver descendentes, esses,

por muitas vezes, também se tornarão griôs. Essa tradição é uma prática ancestral de preservação da cultura da contação. No Brasil, as pessoas que assumem esse compromisso estão engajadas em diversos espaços, como escolas, bibliotecas, museus e até mesmo dentro das famílias, como os avós e tias e tios mais velhas que guardam e compartilham histórias vividas e ouvidas sobre a comunidade, a cidade, a própria família. Valorizar esses saberes que ainda não foram registrados em papel é de grande relevância, em especial em uma sociedade onde os saberes regionais e populares muitas vezes são colocados de lado em detrimento aos saberes acadêmicos.

Quando criei a Akoko Nan foi pensando num símbolo adinkra que simboliza o pé de uma galinha e carrega este mesmo nome.

Ele representa o provérbio “A galinha pode até pisar os seus filhotes, mas ela não os mata” e aí está o sentido: ele nos ensina sobre a disciplina maternal, mas também serve como um alerta aos pais para que não mimem suas crianças. Crianças são cidadãs, têm direitos, precisam compreender a realidade que as circula. Em 2020, quando ainda cursava Serviço Social na UFRJ, estava afastada das escolas onde eu contava histórias de literatura negra para crianças e jovens por conta do isolamento social. Guiada pela cultura afro-brasileira e africana, a Akoko surgiu porque comecei a desenvolver brinquedos e materiais pedagógicos em tecido. Eles traziam a representatividade negra e ensinamentos de vida como os Adinkras, advindos dos povos Akans de Gana.







Quando olhamos para as grades que cercam as casas, condomínios e até mesmo prédios públicos, não sabemos que aquelas formas são representações de aforismos e conceitos ético-filosóficos de parte do continente africano. Mesmo que sem saber, estamos constantemente fazendo o movimento Sankofa (“volte e pegue”) – e temos muito a aprender com ele. No Café com Vizinhos do mês de maio e em todos os meus trabalhos, sempre interliguei a cultura carioca afro-brasileira à simbologia Adinkra. Para que isso seja possível, busco apresentar símbolos e respectivos significados trazendo seus ensinamentos para a realidade do dia a dia.

Minha proposta didática tem um olhar mais direcionado para as crianças e jovens moradores da Pequena África. Inspirada no Museu da Pessoa, reúno práticas, conceitos e princípios para fomentar o registro, a preservação e a disseminação de memórias de famílias, grupos, organizações e comunidades. Faço isso porque considero que toda pessoa tem uma história para contar e que elas são importantes para a comunidade, principalmente porque contribuem na preservação da memória e propõem pensamentos e a evocação de novos futuros.

Trabalhar com crianças e jovens é, em primeira mão, atravessar e superar o processo de co-

lonização do pensamento vigente nas escolas e em muitos grupos culturais. É dar, por assim dizer, oportunidade para que os alunos conheçam histórias outras, como as advindas de África, o berço da humanidade. Educar para o futuro muito tem a ver com a arte em voga nos principais dispositivos culturais da cidade.

O projeto Akoko Nan Educação utiliza-se da referência dos griôs para dar base às atividades fazendo referência a algo de extrema importância para as culturas africanas e afro-brasileiras: o respeito aos mais velhos. Em África há um provérbio que diz: “Quando um idoso morre, é uma biblioteca que arde”. Nesse sentido, inspirar as atividades sempre pensando no respeito aos saberes populares é basilar para um trabalho comprometido com a ancestralidade.

## “ HISTÓRIAS QUE PROMOVEM REFLEXÃO [...] ”

Iniciamos a atividade realizada no Café com Vizinhos a partir de uma sensibilização sensorial. Usando um instrumento musical, as participantes foram convidadas a repetir vocalizes e criar uma harmonia sonora coletiva. O intuito principal era trabalhar o processo de respiração e aguçamento da atenção. Como num rito, alinhavamos as vozes e respirações promovendo energia coletiva e sintonia. Logo em seguida apresentei os Adinkras, tentando investigar se existia algum reconhecimento por parte dos participantes, que já vêm esses símbolos pelas cidades – mas podem ainda não se lembrar.

A partir daí, dei início à contação de histórias de literatura infantojuvenil negra, trazendo histórias que promovem reflexões a cerca do que é ser negro no mundo. Conversamos sobre memória, ancestralidade e identidade. Através dos livros infantojuvenis e de forma lúdica e contextualizada para cada faixa etária, podemos falar sobre assuntos profundos e delicados vigentes na nossa sociedade como o racismo e a discriminação.

Perguntas como: “Quem é a pessoa mais velha na sua família?”; “Qual é o espaço onde você mais brinca?” “Qual sua brincadeira predileta e quem brinca com você?” “Na sua família tem algum artista?” “Você já pensou em ser artista?” foram guiando a atividade coletiva. Perguntas são como

estruturas para que possamos criar uma narrativa qualificada. Dessa forma, durante a oficina e através do bate-papo entre as próprias crianças, ofereci papéis e lápis de cor para que elas pudessem ir para além da palavra. Isso tudo para que, através da imagem, elas pudessem registrar suas memórias do passado, seus entendimento do presente e ambições para o futuro.

É importante que todos nós saibamos fazer o exercício de olhar para trás e ver o quanto já conquistamos, olhar para o espelho hoje e saber quem somos, e por fim, ter a ciência de que somos capazes de projetar um futuro que seja satisfatório para nós e nossa comunidade. Akoko Nan Educação é um chamado à responsabilidade com as crianças, é a busca por uma infância plena onde as crianças cida-

dãs possam se desenvolverem de todas as formas nas suas potencialidades, mas que preserve também a importância dos mais velhos na suas vidas.

“A galinha pode até pisar seus filhotes, mas ela não os mata”. É preciso criar um espaço seguro para crianças e jovens, mas não podemos esquecer da nossa responsabilidade enquanto adultos de que a educação das crianças é de nossa inteira responsabilidade. Sejamos como as galinhas, que são capazes de brigar com cobras e lagartos para defender seus pintinhos, mas que também os corrigem quando necessário. Educar para o futuro é dar liberdade e segurança às crianças para que entendam os direitos e deveres do ser humano em sociedade.





# GINGANDO ENTRE OCEANOS

**POR MESTRE BATATA DA CAPOEIRA**

A capoeira é uma das maiores disseminadoras da língua portuguesa no mundo. Ela não faz distinção dos mais velhos aos mais novos, falantes ou não do português, aqui ou do outro lado do oceano. Todo mundo entende e se envolve. No mês de outubro de 2025, participei do Café com Vizinhos e levei as crianças da Pequena África para dentro da exposição “Nossa Vida Bantu”. A partir de duas obras da artista Márcia Falcão, eu e o pessoal da Escola do Olhar apresentamos este patrimônio cultural à garotada.

Ir até a exposição principal do Museu para falar sobre a capoeira foi muito especial. Essa é uma manifestação que chegou até nós pelos povos bantus, trazidos principalmente da Angola e do Congo

durante o período da escravização no nosso território. As pessoas negras que chegavam eram comercializadas nas ruas do Ouvidor, do Comércio, dentre outras e, em seguida, levadas para vários lugares do Brasil. As pessoas negras que desembarcaram aqui no Rio eram, principalmente, oriundas das regiões bantu. É costume dizer, portanto, que a capoeira foi gestada em Angola e nasceu no Brasil. Ela atravessou o oceano e chegou até nós.

No Brasil, entre 1890 e 1937, a capoeira foi criminalizada pelo código penal. Detentores do poder, incomodados com a cultura do nosso povo, vigiavam e puniam capoeiristas mesmo após a abolição da escravatura. A capoeira, de certa forma, foi “jogada” para as

margens e interiores dos Estados, onde a lei da capital do país à época não chegava com tanta força e assim, as pessoas praticantes podiam exercê-la com mais segurança. Mesmo depois de voltar a ser legalizada, a capoeira demorou para ser reconhecida como parte da nossa cultura. Em 2014, ressignificando essa história, a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) reconheceu a capoeira como Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade. Hoje em dia, com os seus sons e significados, a capoeira conecta as pessoas em qualquer lugar do mundo. A música transcende e fala todas as línguas: é uma questão física e espiritual!



Quando comecei na capoeira em março de 1981, foi como uma atividade extracurricular no colégio. Mas a partir daí, envolvido nas aulas e admirando os mestres, fui me dedicando cada vez mais. Foi assim que, aos 15 anos, comecei a dar aulas e fundei o grupo Humildade. No início da minha trajetória, a capoeira ainda não tinha essa pegada educacional, pois costumava ser malvista, como algo que servia só para o movimento de luta mesmo. Quando ela apareceu na mídia, começaram a levá-la para dentro das escolas e trouxeram um novo viés, com característica mais histórica e cultural. Ainda na década de 90, o Humildade recebeu propostas de levá-la para a Educação. Em 1992, comecei a trabalhar em escolas e projetos sociais, tendo sido inserido automaticamente graças à formação que eu possuía na época, que acabava me diferenciando. Foi assim que, em 1994, com 19 anos de idade, tive cerca de 400 a 500 estudantes. Cheguei a trabalhar nos campus universitários da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), como educador, e não só como professor de capoeira.

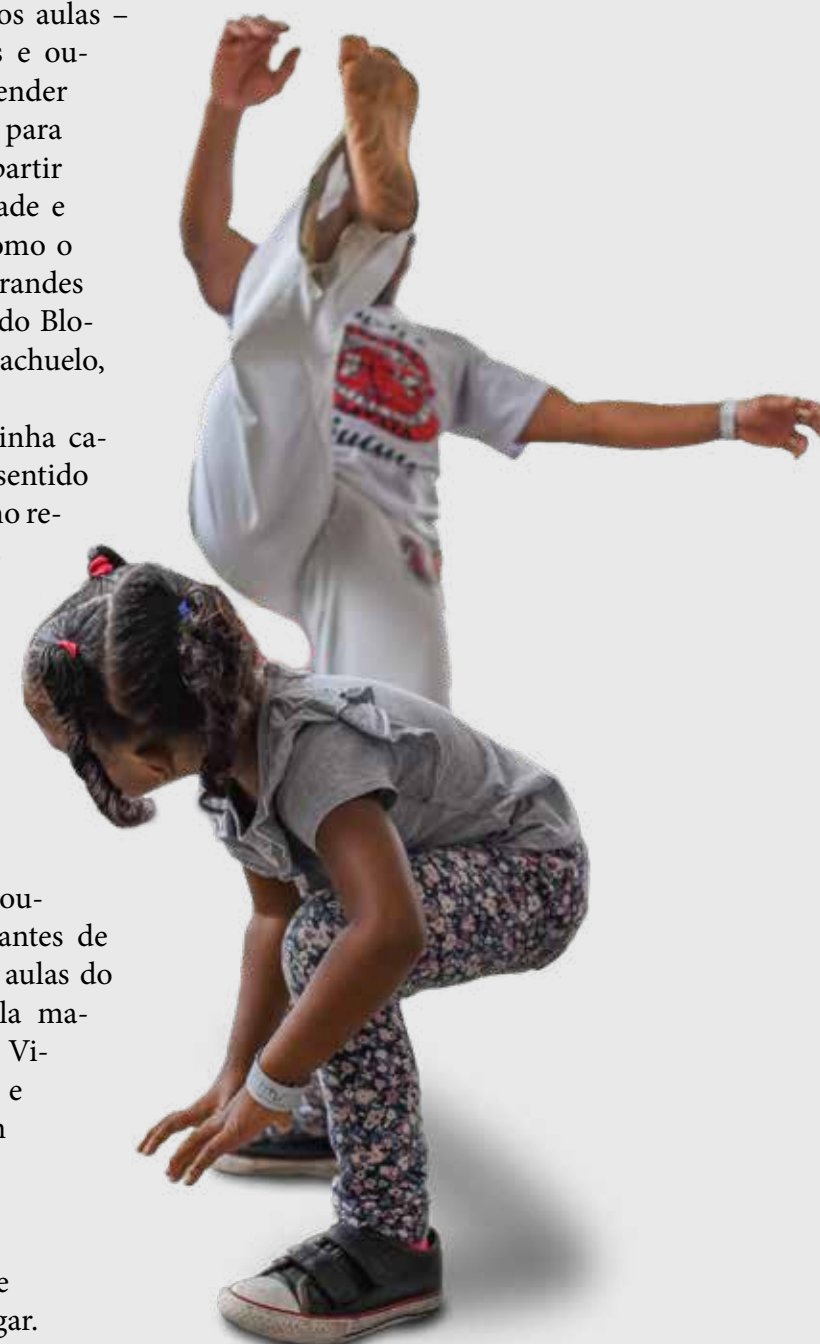
O meu trabalho começou na Rua do Catumbi em 1990, embaixo do viaduto e em frente à Apo-teose com o grupo Humildade. Foi lá onde eu cresci e que, em coletivo, ajudei na formação de muitos capoeiristas que hoje são mestres. A capoeira é passada de geração em geração, só assim faz sentido, e por isso os grupos são tão importantes... Em 1994, entrei para o Raízes da Liberdade e em 1996, no Resistência, mas me encontrei mesmo foi no Centro Cultural de Capoeira Ventre Livre (CCCVL), que fundei em 1999 com ações

simultâneas em três lugares: também no viaduto, na Avenida Mem de Sá e no Colégio Souza Aguiar, lá na Rua dos Inválidos.

Com uma equipe grande de capoeiristas, hoje o CCCVL atende em 7 núcleos de treinamento. Alguns deles estão no Morro da Providência (na parte superior e na base, próximo à Central do Brasil), no Morro São Carlos e na Rua Riachuelo, no Centro do Rio. Novos espaços estão a caminho e, geralmente, são construídos em territórios carregados de referências históricas para nós e para o nosso povo. Temos aulas – algumas gratuitas e outras pagas, a depender do território – para todas as idades a partir dos 5 anos de idade e temos projetos como o “Heranças dos grandes mestres” na sede do Bloco Dragões da Riachuelo, na Lapa.

Toda a minha caminhada faz sentido porque tenho como referência mestres como Mintirinha, Luiz Capoeira, Luizinho Capoeira, Pedro Ziza, Dé, Berg, Rui Henrique, Paulinho Salmon e outros que vieram antes de mim. Dentro das aulas do CCCVL e naquela manhã do Café com Vizinhos, os alunos e alunas aprendem a valorizar aqueles e aquelas que abriram os caminhos para que hoje a gente possa gingar.

Naquela manhã do Café com Vizinhos, foi lindo ver as crianças envolvidas com as obras dentro da exposição e jogando numa roda que fizemos no pilotis do museu. É por isso que precisamos saber valorizar e ensinar aquilo que temos e que é nosso. Assim, a gente protege o que os nossos ancestrais criaram. Não podemos deixar que as tradições sumam: sem base não há futuro!





02

PERSONAGENS DA REGIÃO

TODOS OS CAMINHOS NOS LEVAM À TIA CIATA

POR GRACY MARY MOREIRA

Falar de Tia Ciata é voltar no tempo e caminhar por toda a história de formação cultural da nossa cidade. É sempre difícil ter que resumir um legado imenso e é importante ter cuidado ao contar a sua história. Hilária Batista de Almeida, minha bisavó, nasceu no Recôncavo Baiano, em Santo Amaro da Purificação, no dia 13 de janeiro de 1854. Filha de Oxum, ainda na Bahia cresceu no candomblé e foi iniciada na casa de Bambochê, da nação Ketu. Foi irmã da Irmandade de Nossa Senhora da Boa Morte e veio para o Rio aos 22 anos, em 1876 (num período em que a escravidão ainda existia), trazendo a sua filha Isabel. Aqui, continuou os preceitos do santo na casa de João Alabá e conheceu João Baptista da Silva, com quem se casou e teve outros 14 filhos.

Morou inicialmente na Pedra do Sal, mas foi se mudando ao

redor da vida. Chegou a morar no Beco João Inácio (onde saíam os ranchos e ela fundou dois deles, “Rosa Branca” e “O Macaco é Outro”), na Rua da Alfândega, General Pedra, Rua dos Cajueiros e na antiga Visconde de Itaúna, onde ficava o seu famoso casarão, palco para diversos encontros e festas que moldaram o samba carioca como o conhecemos hoje. A rua deixou de existir com as obras para a construção da Avenida Presidente Vargas, mas aquela casa foi um berço da música: se transformou num centro cultural de refúgio em que celebrações religiosas e festas populares podiam acontecer graças à sua influência e ativismo.

Uma das histórias que eu adoro contar é a de quando ela curou o ex-presidente Venceslau Brás, que governou o país entre 1914 e 1918. Já conhecida por seus dons curativos, minha bisavó foi chamada para ir até o Palácio do

Catete tratar de uma de suas feridas, que estava resistindo a todos os tratamentos que os médicos indicavam... Com seu conhecimento das ervas e do cuidado, ela o curou e isso a deu ainda mais prestígio na sua relação com líderes políticos. Foi a partir de seu mandato que as festas no casarão foram autorizadas, e mesmo após sua saída da presidência, a conduta seguiu. Num período em que o samba estava sendo perseguido como um crime, as festas na Praça Onze permaneceram com o passar dos anos e dois soldados eram enviados para fazer a segurança.

Chega a ser difícil pensar em como seria a cultura carioca se, há anos atrás, não houvesse figuras como essa grande quituteira. Com suas roupas, colares e pulseiras, o seu trabalho social e cultural permitiu que, mesmo em tempos de maior repressão, a tradição africana fosse mantida e reinventada.





Mulher de grande iniciativa, foi a primeira a colocar roupas de baiana para vender com o tabuleiro: antes, as mulheres eram chamadas de “crioula de venda” ou “de ganho”. Junto a outras tias, deu início à tradição das baianas quituteiras na cidade. O primeiro tabuleiro de quitutes de Ciata foi na Rua Sete de Setembro, na esquina com a rua Uruguaiana. Lá, vendia doces e pratos típicos da Bahia como cocadas, bolos, moquecas e, claro: acarajé. Mas um dos pontos mais conhecidos foi o Tabuleiro da Baiana, no Largo da Carioca, onde ela se reunia com as outras Tias para direcionar onde elas poderiam colocar seus tabuleiros. Tam-

bém na Penha, organizava rodas de samba e seu tabuleiro. Hoje em dia, as baianas do acarajé são reconhecidas como patrimônio cultural e imaterial do Brasil!

No Café com Vizinhos de novembro, pude apresentar parte dessas histórias e desse imenso legado para a vizinhança da Pequena África. Em roda, conversamos muito sobre quem é Tia Ciata para cada um de nós. Afinal de contas, ela segue viva na gente. Para mim, é impossível falar dela sem também mencionar o meu pai: Bucy Moreira, grande compositor e instrumentista que conviveu com ela até completar 15 anos. Lembro de crescer ouvindo as histórias que

ele me contava sobre como era viver com Ciata, as enormes festas organizadas na casa e de como ela acolhia todas as pessoas, independentemente de suas origens, trajes ou crenças. Foi com ela que ele aprendeu o segredo do “miudinho”, uma forma de sambar com os pés juntos muito elegante.

O famoso casarão ficava na Praça Onze, ali na Cidade Nova. Por cerca de 20 anos que minha bisavó viveu lá, abriu as portas para muitas pessoas, incluindo grandes nomes da música como Donga, Pixinguinha e Heitor dos Prazeres, Senador Pinheiro Machado, Chiquinha Gonzaga, Vagalume, dentre outros. Antes disso, ainda no Largo da Prainha, recebia em sua casa o grande amigo e padrinho do meu pai, Hilário Jovino Ferreira. Em 1916, de uma dessas rodas no casarão, nasceu o primeiro samba registrado no Brasil: “Pelo Telefone”, de Donga e Mauro de Almeida. Se o samba carioca tem um coração, foi no quintal da matriarca que ele começou a bater, bem embaixo dos olhos da polícia. Como uma tia baiana, ela transformou sua casa num ponto de referência e convívio comunitário, então foi conhecendo muitas pessoas e conquistou respeito para si e para a nossa família.

O trabalho ia para além das festas. Desempenhava funções de Mãe de Santo no terreiro, confeccionava e alugava roupas de baiana para teatros e desfiles de carnaval, movimentava a economia da cidade e também atuava como assistente social: oferecia comida para as pessoas que batiam na porta, ajudava a localizar as famílias dos negros que chegavam no porto do Rio e de outros imigrantes que passavam por lá (como judeus, islâmicos e ciganos).

Ela foi fundamental para que o carnaval de rua acontecesse. Seu casarão era próximo à sociedade recreativa Paladinos da Cidade Nova, que depois se transformou na sociedade carnavalesca Kanganá do Japão, rancho fundado em 1910. Com a proteção que sua casa e colo davam para os artistas da época, os antigos ranchos, antes de desfilar, pediam a sua benção.

Para que a memória disso tudo não se perdesse com o passar do tempo, foi meu pai quem me incentivou a criar a Organização Cultural Remanescentes de Tia Ciata, a Casa de Tia Ciata. A

sede do projeto fica no bairro da Saúde, mas nossas atividades se espalham pela região. É o caso do Caminhos de Ciata, que faz um tour pela Pequena África apresentando os locais pelos quais ela passou e fez história. Assim como a minha bisavó, busco sempre organizar eventos culturais na nossa região e em outros locais no Brasil e no exterior. Junto ao tour e para além das rodas de samba, também oferecemos palestras, seminários e oficinas.

Minha bisavó foi para a ancestralidade no dia 10 de abril de 1924, aos 70 anos. Com um le-

gado que atravessa o tempo, ela é símbolo da resistência negra e das nossas tradições ancestrais, das religiões de matrizes africanas, das comunidades remanescentes de quilombo, do samba e do nosso carnaval. Entre atabaques, panelas e muita fé, é impossível falar da Pequena África e do que nos trouxe até aqui sem mencioná-la. Nas ruas, muros, esquinas, nos quitutes, no acarajé, nas músicas, livros e filmes... Ela está no Brasil e no mundo, por toda a parte: todos os caminhos nos levam à Tia Ciata!





# A HISTÓRIA DE DINO 7 CORDAS É A HISTÓRIA DA NOSSA MÚSICA

POR ANTÔNIO CARLOS RODRIGUES

Quando me perguntam sobre Dino 7 Cordas durante os passeios turísticos que realizo ao redor de toda a Pequena África, é impossível resumi-lo. Gosto de pensar em Horondino José da Silva, seu nome de batismo, começando através do local onde ele nasceu e foi criado: Rua Orestes, no Morro do Pinto, bem atrás da antiga fábrica da Bhering, também conhecida por ser a primeira fábrica de chocolate e café moído do Brasil.

Muita coisa começou aqui na Zona Portuária. Podemos dizer que uma delas é a história do violão 7 cordas como o conhecemos hoje. É impossível estudar este instrumento sem pensar nesse maestro. É como querer conhecer o futebol, mas não saber quem foi o Pelé. Carregando junto ao nome artístico o instrumento que mudou sua vida e a música brasileira, Dino 7 Cordas é um dos maiores violonistas e instrumentistas do país.

Atravessando séculos, Dino viveu da música: começou a tocar por volta dos 8 anos de idade e, graças a ela, pôde mudar a vida de sua família. Começou a trabalhar como operário numa fábrica de sapatos. Já na década de 1930, tocava em circos acompanhando o cantor Augusto Calheiros e, antes que a

década de 40 chegasse, em 1937, começou a trabalhar na Regional do Benedito Lacerda. Na época, esse foi o grupo de choro mais conhecido e que depois, se transformou no Regional do Canhoto. Tocando violão, permaneceu nele durante 30 anos. Em 1960, Dino se juntou ao Conjunto Época de Ouro, um dos mais tradicionais e importantes para a preservação dos clássicos do choro, ritmo que é um Patrimônio Cultural do Brasil.

Você que está lendo pode até não saber quem era o Dino até aqui, mas com certeza conhece muitos sucessos do samba e do choro que foram produzidos por ele, como por exemplo, “Preciso me encontrar”, do Cartola, e “Espelho”, do João Nogueira. Por mais que seja conhecido por ser um grande defensor de gêneros que representam a cultura musical brasileira, ele era um artista versátil que se aventurou em outros estilos, como o jazz.

Dino foi um grande músico acompanhador, ou seja, que tocava o violão para dar suporte na harmonia e no ritmo de músicas em grupos. É muito bom pensar nessas figuras que, atuando “nas sombras”, realçam e dão outros tons para as apresentações e gravações.



A sua carreira foi marcada pela participação em discos e por acompanhar os grandes nomes da música brasileira com seus arranjos e interpretações. Além de Cartola e João Nogueira, Dino também trabalhou com Pixinguinha, Ernesto Nazareth, Raphael Rabello, Carmen Miranda, Orlando Silva, Beth Carvalho, e o Paulinho da Viola, que marcou uma fase de “retomada” do choro no Brasil em 1970. Dino fez os arranjos dos primeiros discos do Cartola e este foi um dos momentos mais marcantes de sua carreira.

Horondino José da Silva se transformou num dos músicos mais requisitados pelos principais artistas da nossa música porque ele a reinventava. Agarrado nas melodias regionais que contavam a história e a tradição do Brasil, ele chegou a gravar um único disco próprio, em 1991, junto com seu discípulo Raphael Rabello. Antes disso, nunca fez questão de ter seu nome na capa de nenhum disco. Ele também escrevia. Uma das músicas mais famosas que ele compôs (junto com Augusto Mesquita e Jayme Florence, o Meira) é “Aperto de mão”, que ficou famosa com a interpretação de Beth Carvalho.

No mês de abril, fui convidado para apresentar a história do Dino no Café com Vizinhos. O encontro aconteceu um mês antes dele completar 107 anos. Nascido no dia 05 de maio de 1918, morreu de pneumonia aos 88 anos, em 26 de maio de 2006, depois de passar os últimos anos de vida dando aulas de violão.

Na atividade “Mapeando Memórias”, eu e os vizinhos mapeamos lugares do território que nos remetem a memórias. A partir deles, pensamos se gostaríamos de rebatizar esses locais a partir do

nome de pessoas ou grupos que foram significativos na vivência de cada um. Pensamos muito sobre quem é lembrado e quem é esquecido a partir dos que já foram homenageados em nomes de ruas ou estátuas, o poder de reinterpretar essas histórias e a importância de passar conhecimentos de geração em geração.

“

**PATRIARCA DO CHORO,  
DO SAMBA E DA MÚSICA  
BRASILEIRA [...]**

”

Por enquanto, Dino 7 Cordas ainda não tem uma estátua ou rua em seu nome dentro da região da Pequena África. Mas na Zona Oeste, lá em Campo Grande, existe uma rua chamada Rua Dino Sete Cordas. Minha relação com ele tem a ver com a valorização dos ícones da Região Portuária, que são muitos, e eu desejo que cada vez mais moradores possam conhecer ele. Não há violinista que não estude o Dino, essa referência nacional e instrumentista único. Ele é inspiração para várias gerações de músicos, mas deve ser exemplo para as nossas crianças e jovens.

Patriarca do choro, do samba e da música brasileira, teve seu legado passado para o filho, Dininho, e para todos os novos músicos e instrumentistas. Torço para que a sua lição de vida incontestável seja homenageada e lembrada dentro e fora da Pequena África!



## 03

## SONS DO MORRO

AS MÚSICAS QUE A PEQUENA  
ÁFRICA CANTA

POR RAPHAEL PIPPA E LUZ FOGAÇA

Em maio deste ano, por meio da música e de nossas vivências como artistas portuários, levamos para o Café com Vizinhos as histórias e memórias do Morro do Pinto. Reunidos em roda com a vizinhança, cantamos sambas que contam o nosso território e dialogamos sobre o legado artístico e cultural da nossa região.

Somos Raphael e Luz, crias do Morro do Pinto, e temos a nossa trajetória atravessada pelos blocos carnavalescos da região. Eu, Raphael, sou músico, arte educador e pesquisador musical. Me formei em jornalismo pela PUC-Rio

via Prouni e os anos na universidade foram de muitos desafios e de conscientização racial e social, justamente no momento em que estava havendo a retomada do bloco Fala Meu Louro. Na época, interessado, integrei o movimento como compositor do samba da volta e intérprete da agremiação. O envolvimento foi tão grande que decidi pesquisar a história do bloco no meu trabalho de conclusão de curso. Entre carnaval, samba e resistência, já são mais de 10 anos cantando junto ao “Papagaio Azul da Pequena África”, como o Louro é conhecido! Criado no início

do século 20 mas oficialmente registrado em 1938, a história dele passava longe dos olhos da elite carioca e, principalmente, da imprensa de sua época. No processo de retomada, conseguimos reverter uma ação do poder público que iria desalojá-lo de sua quadra. Graças à força coletiva e assertiva, nosso grupo permaneceu com a agremiação. Foi a prova viva de que movimentos culturais demarcam posicionamento crítico e transformam as localidades de seu entorno. Fazer parte do Fala Meu Louro me aproximou muito mais da nossa região e de suas histórias.



Já eu, Luz, sou cantora, atriz e idealizadora do projeto Cesta Íntima da Mulher, que atende crianças e mulheres do Morro do King, também no Santo Cristo. Nasci no celeiro de bambas, num território que foi inspiração e moradia para nomes como Tia Ciata, a matriarca da nossa música. A minha relação com a Pequena África começou efetivamente aos 18 anos, quando me tornei Rainha de Bateria da A.R.E.S. Vizinha Faladeira, uma das primeiras escolas de samba do Rio. A partir daí, passei a acompanhar os blocos já existentes na Região Portuária e vi alguns (re)nascimentos. Ainda na música, participei do nascimento dos Blocos da Liga Portuária, e fui cantora na Roda de samba “A Pioneira do samba” e no “Samba Honesto” do Cordão do Prata Preta. São mais de 20 anos dedicados à paixão pela arte

e pelo compromisso social – este refletido no Cesta Íntima, que atua pelo empoderamento feminino e promoção de direitos sociais para crianças do meu território. De forma voluntária, atualmente atendemos 15 crianças, promovendo educação, arte e cultura como ferramentas de transformação social. Sou, também, fundadora da banda infantil “Balanço do Pintinho” aqui no Morro do Pinto!

No Café com Vizinhos falamos, ao mesmo tempo, em primeira e terceira pessoa: naquela manhã e em todas as rodas e festejos que participamos, não existe uma separação entre a história dos outros e a de nós dois. É através da música que compartilhamos experiências coletivas, relembramos o passado, analisamos o presente e sonhamos com o futuro!

Música é comportamento social e o samba sempre foi uma eficaz ferramenta de denúncia ao racismo, ao classismo e às suas mazelas. No encontro, nós e os vizinhos lembramos muito do cantor e compositor José Flores de Jesus, o grande Zé Ketí. Sua obra aborda muito bem a sociedade de seu tempo e as dores vividas pelos favelados, que sempre resistiram apesar das injustiças e mazelas: “Podem me prender / Podem me bater / Podem, até deixar-me sem comer / Que eu não mudo de opinião / Daqui do morro / Eu não saio, não”. Que a gente continue tendo a honra de perpetuar o legado do Zé, de Dino 7 Cordas, Pixinguinha, Donga, João da Baiana, Heitor dos Prazeres, Geraldo Pereira e tantos outros compositores, instrumentistas e sambistas que fizeram da nossa música uma ferramenta política.





Mesmo com o racismo estrutural insistindo em deteriorar os espaços e seus agentes, o samba contribuiu muito para que a população da Pequena África não fosse completamente apagada. Diversos sambas cantados ao redor do país nasceram na Pequena África. Este território é de todos que cuidam e compreendem a sua importância na sociedade. Nós somos a continuidade dos nossos ancestrais: eles lutaram para que hoje pudéssemos estar aqui, contando e produzindo nossas histórias.

Tivemos e temos muitas lutas, mas pessoas como Tia Ciata

nos fazem lembrar que existe um outro lado na história, muitas vezes ignorado. Histórias de pessoas que, com amor e estratégia, juntavam os excluídos (baianos, ciganos, judeus, sambistas, capoeiristas e outras pessoas marginalizadas naquela época) e desenvolviam formas de proteção e mantimento de práticas originárias e religiosas. Como artistas locais, é importante manter um trabalho de contar histórias como a de Tia Ciata: para além da luta e sofrimento, nosso legado também é de existência e alegria.

Influenciados por atravessamentos do dia a dia com atuais músicos e compositores, hoje cantamos não só as denúncias e lutas, mas também a alegria da descoberta do empoderamento, da liberdade de ser quem desejamos, os avanços nas leis e o trabalho social através da saúde, educação e cultura para as mulheres e crianças da nossa comunidade. Precisamos de mais encontros como o do Café com Vizinhos!





[...] é trilhando que escutamos nossa ancestralidade,  
resgatamos e reescrevemos memórias  
de uma região e de diversos povos [...]



# 04

## ROTA DOS TAMBORES DO ATLÂNTICO: AS OFCINAS

### Ó PRAÇA ONZE TU ÉS IMORTAL

#### A PRAÇA ONZE

“(…) Oh! Praça Onze tu és imortal / Teus braços embalaram o samba / A sua apoteose é triunfal” entoou o samba enredo do Império Serrano em 1982. Campeã naquele ano, a escola de samba fez uma menção à memória imortal deste lugar e à sua magnitude, que assumiu formas diversas sobre os rastros e caminhos que marcam a região da Pequena África Carioca.

O Rio de Janeiro é uma cidade que, ao longo de sua história, foi marcada por reformas urbanas voltadas à higienização social, à busca por uma ideia de civilização europeia e ao apagamento dos

saberes e heranças populares. Com a Praça Onze e os seus arredores, da Rua de Santana à Cidade Nova, não foi diferente: ela foi varrida do mapa no final da década de 1930, durante o Estado Novo de Getúlio Vargas, para dar lugar à Avenida Presidente Vargas, símbolo do projeto modernizador que reconfigurou o centro do Rio.

No final de setembro, a oficina com nome em referência ao enredo da Império Serrano foi conduzida pela educadora e sambista Jaque Rocha, que enxerga este território como importante para a construção cosmopolita e artística

na nossa cidade: “É um espaço de troca, de partilha, de movimento, de sociabilidade e criação de cultura. É o legado negro cultural”. A forma como Jaque conduziu a atividade se assemelhou a uma viagem no tempo: um movimento de retorno simbólico que nos lembrou de Sankofa, adinkra africano que nos orienta a olhar para o passado a fim de compreender o presente. Em cada palavra, samba entoado e lembrança partilhada, ela convocava o espírito da Praça Onze a renascer em todo mundo, mostrando que visitar a memória é também um ato de reexistência.







Durante a oficina, vivenciamos atividades marcadas por momentos de musicalidade e de trocas coletivas. Elas mostraram a Praça Onze como um espaço que transpõe as barreiras entre o material e o imaterial. Para muito além de um ponto geográfico da cidade, existe aqui uma herança comum de pertencimento. Ao som de sambas que surgiram das ruas e vielas, os relembramos a força de uma região que abrigou os batuques e terreiros gestados e agenciados pelas Tias Baianas, mulheres responsáveis pela perpetuação dos nossos ritmos e ritos.

Ali, próximos à sede do Circo Crescer e Viver, entre a Rua do Carmo e a São Martinho, fomos instigados a pensar no tempo espiralar que também circula por ali. Num sentimento coletivo de reconhecimento, Katia Helena e Cláudio Costa definem que “A Praça Onze é a nossa própria identidade cultural, é o berço do samba, é uma herança”. As Tias Baianas são lembradas como protagonistas: a praça e seus entornos foram lares de Tia Ciata, Tia Mônica, Tia Carmem e Tia Helvécia, que seguem morando por ali até hoje. Quando a Avenida Presiden-

te Vargas ficou pronta no projeto de “embelezamento” do centro, os desfiles dos ranchos carnavalescos das ruas de Saúde, Gamboa e Santo Cristo vieram para cá e uma das maiores tradições era a de pedir as bênçãos de Ciata durante o desfile, que abençoava os ranchos da janela de sua casa.

“  
SE VIA O CARNAVAL  
NA RUA, NÃO PRECISAVA  
PAGAR PARA ENTRAR NO  
SAMBÓDROMO  
”

Assim como muitos dos moradores da Pequena África, Katia Helena conheceu Tia Ciata e teve a oportunidade de provar dos quitutes que ela preparava na época em que a Praça Onze estava a todo vapor, em que “se via o carnaval na rua, não precisava pagar para entrar no sambódromo”. Para ela, a porta que antes estava aberta foi fechada para os pobres. Durante a oficina, ela ainda enfatizou que “não existe mais Praça Onze como antigamente” e isso nos levou a pensar: o que será a Praça Onze senão o eco de um tantã pulsando nas encruzilhadas onde o samba nasceu e se reconhece? O que será a Praça Onze senão a semente viva que floresce na lembrança dos que dançam o legado, movendo o corpo na direção de uma alegria ancestral? O que será a Praça Onze senão um relâmpago de reexistência, espalhando-se em fragmentos luminosos pela Grande África, mesmo depois que o seu chão lhe foi tomado?



“  
A PRAÇA ONZE  
NÃO MORREU,  
TENTARAM SILENCIAR,  
MAS FOI UMA  
TENTATIVA FALHA  
”

Ela já não existe como antigamente, nós devemos concordar com Katia. Mas, como tudo que é sagrado, ela tomou novas formas de existir e renasce em cada canto, em cada tambor, em cada voz. Ela permanece imortal na memória daqueles que prometem, junto de Alcione, não deixar o samba morrer. Apesar da destruição física ter causado uma evasão na região e, por isso, a Praça Onze ser tão pouco habitada, este foi um lugar fortemente ocupado pelos povos de África. É um quilombo que se espalha e resiste nos arredores.

Este território segue vivo nas práticas culturais da cidade e como Jaque bem afirmou, “A Praça Onze não morreu, tentaram silen-

ciar, mas foi uma tentativa falha”. Mesmo apagada fisicamente pela urbanização, ela resiste nos sambas, nos terreiros e nas vozes que a recontam. As outras oficinas evidenciaram territórios “à flor da terra” e com a Praça Onze não é diferente. O chão em que pisamos mostra que a história negra do Rio de Janeiro permanece à flor da pele, cantada, dançada e celebrada por aqueles que insistem em lembrar.

O que restou não foi apenas o corpo e a memória, mas a força viva de uma ancestralidade que transforma ausência em presença e ruína em reexistência. Celebremos, porque a Praça Onze vive!



# AS RUAS FALAM

## O MORRO DA CONCEIÇÃO

Na Travessa do Liceu, ao lado do Museu de Arte do Rio, uma escadaria chama a atenção e encanta quem passa por ali. Coberta por mosaicos coloridos, ela é composta por figuras que representam elementos e figuras importantes da cultura brasileira e da nossa região, reconhecendo e destacando a nossa identidade.

Os mosaicos coloreem a rotina dos moradores do Morro e são feitos pela equipe do Cosmonautas Mosaicos, que tem uma sede ao lado da escadaria e espalha as suas cores por toda a Zona Portuária. Naqueles azulejos, as histórias de pessoas como Tia Bibiana, Pixinguinha e Getúlio Marinho aparecem colorindo os arredores. Com nome inspirado na capela católica de Nossa Senhora da Conceição, construída em 1634, o Morro da Conceição foi um dos primeiros

espaços a serem ocupados no Rio, sendo o ponto de chegada dos africanos escravizados e o berço da Pequena África.

Na primeira aula prática do curso “Do MAR para dentro, a Pequena África como passado-presente”, o MAR convocou os alunos a virem até os pés do morro para uma oficina no ateliê do projeto. Ela foi protagonizada por Natalia e John, criadores do Cosmonautas. Natalia é chilena e desenhista industrial. John, um historiador da Zona Norte do Rio. Juntos, eles promovem várias aulas para quem quer aprender sobre todo o trabalho manual que envolve a separação das cores, o corte, o processo de lixar e de colar os azulejos a partir de desenhos.

Quando subimos aqueles degraus, é como se fizéssemos uma viagem no tempo, relembra-

do dos que vieram antes de nós e seguem abrindo os caminhos. Tecidos africanos, animais da fauna brasileira, capoeiristas jogando... Tá tudo ali: as referências contam parte da história do nosso território e das diversas relações que foram se desenvolvendo em nossa terra, marcada pelo encontro dos povos indígenas com os que vieram de África, do outro lado do Atlântico.

O lado externo da escada, por exemplo, apresenta quatro importantes figuras da resistência indígena dos tamoios frente à colonização e invasão portuguesa. Entre elas está seu líder tupinambá, o Cacique Aimberê. A Confederação dos Tamoios marca o nascimento da cidade do Rio de Janeiro, que só foi fundada depois que eles foram derrotados.



Já o lado de dentro, apresenta personagens da cultura afro-brasileira que estão ligadas à Região Portuária, como a nossa matriarca Tia Lúcia, liderança local da Conceição que defendeu e preservou a nossa cultura nas artes, na performance e na história oral. Hilário Jovino, fundador do primeiro rancho carnavalesco, o Rei de Ouros, também está ali. Este lado da escada dá acesso à Rua João Homem, que culmina no topo do morro, onde está localizada a Fortaleza da Conceição, construída em 1713 para ser ponto estratégico português na defesa do Rio contra os navios franceses.

A oficina aconteceu ali, ao lado da escadaria, com mais mosaicos espalhados pelos arredores. Um outro exemplo é o mural do Mestre Manoel Dionísio no muro externo da Escola Municipal Vicente Licínio Cardoso. Ele foi um dos maiores nomes da dança afro-brasileira e fundador da primeira escola de mestre-sala, porta-bandeira e porta estandarte. Ele mudou para sempre a história do carnaval, assim como Tia Bibiana, que foi importantíssima no desenvolvimento dos ranchos e na transição dos festejos da época do natal para o carnaval. Num mosaico de 6 metros quadrados, a figura que tinha a casa como um ponto itinerá-

rio dos desfiles também é homenageada na esquina da Av. Venezuela com a Rua Edgar Gordilho.

Para algumas pessoas como Vinícius, produtor cultural e morador da região do Caju, os mosaicos, por mais que sejam ausentes nos ambientes próximos à sua habitação, conservam a região da Pequena África através da beleza e do conhecimento histórico transmitido nos desenhos. Para ele, o processo de elaboração das obras é um meio de rememorar histórias apagadas, que agora ganham uma sobrevida através dos azulejos coloridos.



O território e as pessoas envolvidas acabam sendo transformadas, porque pensar nos mosaicos é, ao mesmo tempo, pensar em nossas referências, em quem nos inspiramos e em exemplos de vida que queremos levar conosco. E foi isso que fizemos na primeira oficina do curso: os participantes conheceram o território através de quem o transformou.

Quem pensa parecido é o Manoel, professor de Artes da rede pública de educação, que tem

52 anos e frequentou o Morro da Conceição durante grande parte de sua vida. Para ele, o trabalho dos Cosmonautas tem um impacto positivo pela excelência em valorizar os espaços que recebem suas artes. Espaços que foram historicamente esquecidos, e que agora, ganham uma revitalização. Junto à escadaria, o Mural ABYA YALA também chama a atenção de quem caminha em direção ao MAR vindo da Rua Acre. Com 30 metros, os 10 mosaicos trazem referências

em homenagem aos povos originários do Brasil e de toda a América Latina. A ideia do Cosmonautas é “mosaiquear” toda a Travessa do Liceu e expandir cada vez mais as suas intervenções.

Espalhados pela região da Pequena África, além de embelezar e valorizar nossos muros, ruas e esquinas, os mosaicos falam e se completam no ato de trazer à tona a memória de um Rio de Janeiro esquecido.



# O CAJU TAMBÉM ESTEVE À FLOR DA PELE

## O CAJU

“É lugar de riqueza!”, gritou um dos integrantes do Slam Caju, grupo de moradores locais que tem o objetivo de trazer mais visibilidade ao bairro através da arte do slam. Essa riqueza foi exposta, brilhantemente, na oficina “O Caju também esteve à flor da terra”, que contou com a palestra da nossa liderança Fabiana Keller, do projeto Caju Cultural.

Por muito tempo e para muitas pessoas, o nosso território foi apresentado somente como a morada da antiga família real e o grande conjunto de cemitérios. Continuar nos resumindo a isso sem ampliar a reflexão é, de certa forma, colaborar com os que co-

lonizaram a nossa terra. O Caju é muito mais do que a história “deles” e isso pode ser entendido já a partir de seu nome, que vem do Tupi-Guarani “Acayu”. Temos uma herança indígena!

Nós iniciamos a oficina na Casa de Banho de Dom João VI, atual Museu da Limpeza Urbana, e fomos andando pelas ruas que contam nossas memórias. A história fúnebre do Caju também foi um dos pontos de partida, pois nosso espaço, já habitado por famílias indígenas, foi cemitério de pessoas tidas como indigentes e escravizadas na primeira metade do século XIX. Isso aconteceu quando o cemitério da Santa Casa de Mi-

sericórdia foi transferido para as proximidades da Praia do Caju e, assim, foi instituído o Campo Santo da Misericórdia (atual Cemitério São Francisco Xavier). A primeira pessoa a ser enterrada ali foi uma criança, filha de uma mulher escravizada.

“Praia do Caju”? Pois é, você não leu errado. O Caju foi o primeiro balneário do Rio de Janeiro e, inclusive, era frequentado pela família real portuguesa. As antigas casas de pescadores e o nosso píer estão aí para mostrar o que já fomos antes da praia ser aterrada no início do século XX, em função de obras como o Porto do Rio.



Os integrantes do Slam Caju, unidos ao Caju Cultural, ressignificam o bairro como um porto de grande atuação no Rio de Janeiro Oitocentista. Após a desativação do Cais do Valongo, outros portos receberam africanos escravizados durante o tráfico ilegal. Além disso, conversamos sobre a relação entre o porto do Caju e o Porto de Jurujuba, que se localiza do outro lado da Baía de Guanabara. Isso nos faz pensar numa Pequena África que se estendia pelos litorais, chegando lá em Niterói: uma Pequena África litorânea.

Após as falas dos coletivos, caminhando rumo à Rua Circular da Quinta do Caju, fomos apresentados às histórias dos grandes galpões construídos onde antes tínhamos a praia, à vila dos pescadores e aos vários outros pontos que carregam a memória dos nossos. No percurso, alguns moradores foram questionados com as seguintes perguntas: “Quais os limites da Pequena África?” e “Qual a África que habita o Caju?”. As respostas foram variadas, desde as mais esperadas até as mais subjetivas. Começamos a levantar, a partir delas, o debate sobre o conceito de Grande África, que também é defendido pelo Caju Cultural a fim de anexar outros territórios extraoficiais à Pequena África.

“Então, o limite da Pequena África que eu conheço, que eu ouço muito falar, é da Praça XV, passando pela Central do Brasil, Praça XI, Catumbi, Rio Comprido, uma parte de São Cristóvão e acaba aqui no bairro do Caju. E tem outras pontas da Pequena África que a gente considera a Grande África, que é uma parte em Pavuna e Ramos”, respondeu Tiago Pessoa. Já a moradora Rafaela Rodrigues respondeu aos questionamentos partindo de uma perspectiva histórica:



“Aqui tem muitas influências de muita coisa... Eu acho que nordestina, principalmente, o pessoal que vem pra cá. Então é difícil, assim, falar de uma África que tem aqui. Mas acho que diversas Áfricas habitam aqui. Aqui tem uma cultura muito grande, por exemplo, da capoeira. Todo mundo que mora no Caju já fez capoeira em algum momento com o professor Coelho, que é um mestre de capoeira conhecido aqui na área”. A resposta da moradora Rafaela vislumbra um Caju de muitas Áfricas, culturas e heranças que marcam gerações dos que vivem

aqui e contam a formação da nossa cidade.

O território do Caju realmente é uma riqueza que está à flor da terra, bem como à flor da pele dos moradores e lideranças locais. É uma riqueza que une heranças indígenas, africanas e nordestinas, e por isso precisa sair das margens da Pequena África Oficial. Nós também fazemos parte desta Grande África. Apesar de marcado pelos cemitérios, grandes balcões vazios e contêineres, somos um bairro vivo e pulsante, que grita para ser visto como parte da memória do Rio!



# ENTRE BECOS E VIELAS, RAÍZES DE UMA CASA AFRRORRELIGIOSA NA PROVIDÊNCIA

## O MORRO DA PROVIDÊNCIA

No dia 27 de setembro de 2025, uma grande roda se formou no Ilê Asé Iyá Omi Funfun, o único terreiro de candomblé ainda em atividade na Pequena África carioca. Ele está localizado no Morro da Providência, antigo “Morro da Favela” por ser a primeira do nosso país. No Dia de Cosme e Damião, entrelaçando passado, presente e futuro, a gente se reuniu para refletir sobre a presença dos terreiros e das manifestações afrorreligiosas aqui no território.

No número 116 da Ladeira do Barroso, próxima ao Teleférico da Providência e à Casa Amarela, a história do Ilê Asé Iyá Omi Funfun teve início há mais de meio século, como nos disse a Yalo-

rixá Glória de Yemanjá. Segundo o relato de seu pai, a casa já havia abrigado uma escola, uma casa de cômodos e, na sua juventude, o Barroso Futebol Clube. A fundação do terreiro vem da iniciação de sua mãe, em novembro de 1968. Foi dela que Mãe Glória herdou a responsabilidade de zelar e conduzir esta casa de axé. Quando foi iniciada no candomblé há mais de 45 anos, ela já sabia de sua responsabilidade como sucessora.

Naquela tarde de sábado, a oficina ficou cheia. Sentamos em roda e ouvimos Mãe Glória falar sobre a fundação da casa. E não tinha como ser diferente: quando ela fala da casa e das suas memórias acaba nos contando, também,

a própria história da Providência. A oralidade sempre ocupou um lugar central na permanência e na constituição dos povos, culturas e comunidades africanas. Naquele dia, ouvir Mãe Glória foi essencial para compreender a história do território e refletir: por que apenas esta casa de candomblé sobreviveu até os dias de hoje, mesmo estando situada na região que mais recebeu africanos e africanas escravizadas do mundo?

Ainda na oficina, quem nos ajudou a pensar sobre isso e nos ensinou mais sobre a presença de religiões afro-brasileiras na Pequena África foi o professor de História da África Eduardo Possidônio, da UFRRJ.

[...] a travessia nos ensina a escutar [...]







Ele chamou atenção para a grande repressão que estas religiões sofreram, principalmente no início da República. Naquele período, a polícia, baseada e blindada por artigos penais que criminalizavam a prática da “magia e seus sortilégios” e do curandeirismo, realizava batidas nas casas de axé. Essas batidas aconteciam nos momentos mais sensíveis do culto, o que adiciona ainda mais camadas de violência. Um dos casos apresentados a nós foi o de Pai Alberto, o Zinho, que teve sua casa invadida no momento do ritual, em 1935. Os objetos apreendidos nesse e em outros terreiros pela polícia lá atrás estão, hoje, no acervo “Nosso Sagrado”, do Museu da República.

O que antes eram “objetos de crime”, hoje são testemunhos das histórias daqueles que pensaram novas formas de vida aqui, do outro lado do Atlântico.

Essa repressão toda no início do século XX obrigou mães e pais de santo a se deslocarem do centro da cidade para regiões mais afastadas, como os subúrbios. Na oficina, ficou claro que este é um dos principais motivos para entendermos por que apenas o terreiro de Mãe Glória resistiu ao tempo na Pequena África. Parece estranho pensar nisso, né? Mas é o único mesmo. A Helena Rodrigues, filha do terreiro, nascida e criada no Morro da Providência, nos contou ter ouvido poucas histórias sobre

a sua religião no território. Ela compartilhou que, para além da repressão histórica, o preconceito, que ainda existe, também pode ter contribuído para o silenciamento dessas memórias.

Diego Prazeres, que também é morador da Providência, acredita que afastar essas casas da Zona Portuária é um projeto político do governo, que busca preservar uma paisagem urbana embranquecida e cristã. Na oficina, ele afirmou que manter essas casas afastadas daqui é mantê-las longe de suas raízes ancestrais. Por isso, assim como os que estavam presentes, ele enalteceu a persistência de Mãe Glória: “eu louvo os ancestrais de Mãe Glória, eu louvo a cabeça, o orí de Mãe Glória e louvo a Mãe Glória por ela ter resistido a tantos e tantos conflitos para estar nesse posto, nesse local”.

Déborah Queiroz, outra moradora do Morro da Providência, também compreende o Ilê Asé Iyá Omi Funfun como um ato de resistência. Para ela, “o terreiro da Mãe Glória, aqui na Providência, sendo o único nos dias de hoje, mostra essa força, né? Essa força que não é só a religião que faz, mas a cultura. A cultura de um povo, né?”.

A fala de Déborah resumiu bem o que ficou reverberando em todos durante a oficina. Revisitar a trajetória das afrorreligiosidades nos ajuda a compreender como, mesmo diante da repressão e da violência do Estado, o sagrado afro-carioca resistiu e possibilitou a continuidade das memórias africanas e afrodescendentes no Rio de Janeiro. O Ilê Asé Iyá Omi Funfun, ao permanecer ativo na Providência, é um constante lembrete de que os tambores sagrados continuam a ecoar na Grande África.

## O TAMBOR CONTINUA ECOANDO

### O CAIS DO VALONGO

Foi na sombra do baobá plantado em frente ao Cais do Valongo que a oficina “O tambor continua ecoando” teve início no dia 04 de outubro. Aquele foi o último encontro da série “Cartografias da Pequena África” e foi muito simbólico terminar, justamente, onde tudo começou. Principal porto de desembarque dos africanos escravizados, este é um dos pontos mais significativos da experiência escravista não só no Brasil, mas em todo o mundo. O baobá, árvore da vida, se tornou símbolo de memória e ancestralidade e foi plantado aqui depois que o Cais se tornou Patrimônio Mundial da Humanidade pela UNESCO, em 2017. Esta foi uma forma de lem-

brar que as histórias de sofrimento e dor que marcam o espaço não são as únicas narrativas possíveis a serem contadas. A sabedoria dos que vieram antes nos ensinam que nada é por acaso, e essa certeza se confirmou. O local escolhido para refletirmos sobre as heranças que ecoam através do batuque de diferentes tambores já nos indicava o que descobrimos durante a oficina: escravidão e liberdade, dor e alegria se entrelaçam para dar corpo à memória que vivifica o território do Cais do Valongo.

Quem mediu a oficina foi o Samuel de Andrade, do terreiro e centro de cultura Única, aqui no bairro da Saúde. Para ele, o sagrado dos tambores vai além da pro-

dução do som. Mais do que batidas ritmadas, os batuques representam uma conexão espiritual e ancestral. É o caso dos tambores Rum, Rupi e Lê, bases da diáspora africana, e também dos tambores xamânicos que remetem às heranças indígenas, como ele nos explicou. A colonização foi contra essa diversidade de toques, cultos e origens, demonizando as religiosidades criadas por africanos que habitavam este território. Apesar disso, resistimos: o conhecimento segue sendo passado de geração em geração. Naquela tarde, diante da roda e à sombra do baobá, cada um de nós pode ouvir, sentir, se conectar e lembrar de toda essa história.





A mudança desse complexo de vendas para o Cais, construído em 1811, aconteceu em grande parte porque a elite portuguesa e carioca da época começou a se incomodar ao ver as jovens moças e senhoras de famílias ricas passearem pelo mesmo local em que seres humanos nus, acorrentados e debilitados (pelas doenças adquiridas na travessia atlântica) eram vendidos. Para os que desfrutavam do conforto, só os lucros importavam. Eles se negavam a encarar, diretamente, a face mais cruel daquele sistema que sustentava os seus privilégios.

Em 1831, quando o tráfico transatlântico foi “proibido” (entre aspas, porque o comércio continuou de forma ilegal por mais um tempo), o cais foi formalmente fechado. Anos depois, em 1843, ele passou por uma reforma e foi soterrado pelas obras que o transformaram no Cais da Imperatriz. O porto foi o local escolhido para o desembarque da Imperatriz Teresa Cristina de Bourbon-Duas Sicílias, princesa que havia se tornado esposa do Imperador Dom Pedro II. Mais uma vez e literalmente, prevaleceu sobre o território uma narrativa que não contemplava as experiências de africanos e africa-

nas que fizeram, ali, as suas Áfricas Pequenas. Fomos soterrados pela história.

Apesar disso, as trajetórias do nosso território e dos tambores também revelam a celebração e criação de possibilidades de liberdade. Em frente ao Armazém Docas André Rebouças, uma das primeiras construções no Brasil sem mão de obra escrava e que ganhou este novo nome para homenagear o grande arquiteto e abolicionista brasileiro, tocamos músicas que ecoam através do tempo e que resistiram diante das tentativas de soterrar o passado.



Tivemos noção da dimensão e experiência dos nossos ancestrais, que vai além da dor e do sofrimento. Quando praticamos as músicas que tinham sido apresentadas, uma fala do Samuel se comprovou: “onde existe couro, madeira e reverência, é possível honrar a ancestralidade”. A percussão deu o tom da celebração que também é uma marca do nosso território, por mais que não seja perceptível à primeira vista. O Cais do Valongo foi (re)descoberto em 2011, durante escavações das obras do projeto Porto Maravilha.

No final da oficina, enquanto nos esforçávamos para sincronizar som e ritmo, tivemos uma surpresa: um grupo de turistas, negros em sua maioria, decidiram se juntar à celebração. Com passos de danças que também nos contam histórias, foi possível ouvir uma das senhoras que formava o grupo gritar a outra, como um incentivo: “You’re in your element, girl!” (“Você está no seu lugar, garota!”). No final das contas, esta é a Rota dos Tambores do Atlântico acontecendo na prática, viva: em partilha e diálogo com os povos de África

ca e como descendentes dos que atravessaram o Atlântico, somos alcançados por esse ressoar antigo e encontramos nele um lugar ainda hoje. Como disse Charles Apuã, que participou da oficina, a Pequena África é formada por “corpos-território que produzem cultura”. O som que ecoa dos tambores e atabaques é capaz de não só moldar a memória do que já foi, mas reinventá-la no presente para construir um futuro diferente. Assim como o símbolo da roda, o som que ecoa dos tambores circula numa dança pelo tempo!







ROTA DOS TAMBORES DO ATLÂNTICO:  
O JOGO

UM CAMINHO PELA PEQUENA ÁFRICA

POR GUILHERME CARVALHO

Para esta 8ª edição d’ *O Olhar dos Vizinhos no Jornal da Zona*, criamos um jogo que apresenta e amplia os locais selecionados que farão parte da *Rota dos Tambores do Atlântico*. Inspirado no dispositivo artístico-pedagógico “Construa Seu Caminho”, também da Escola do Olhar, “Rota dos Tambores: O Jogo” extrapola os limites do Museu de Arte do Rio, o MAR, e nos leva a espaços icônicos da região que o célebre Heitor dos Prazeres chamou de “África em miniatura”, e que hoje é conhecida como Pequena África.

Fruto da parceria entre a Organização dos Estados Ibero-americanos (OEI) e o MAR, a construção do jogo partiu dos cinco pontos escolhidos para compor a Rota dos Tambores na cidade do Rio de Janeiro. Ao longo deste ano, a Escola do Olhar promoveu diversos encontros e oficinas pelo território, apresentando e discutindo aspectos intrínsecos de cada um desses lugares. A partir de cada um dos marcos “principais”, escolhemos mais dois locais “adjacen-

tes” para compormos, ao todo, 15 pontos diversos que estão presentes na Pequena África “expandida” – como ouvi de nosso educador de projetos, o Felipe, lembrando que toda a cidade (e país, por que não?) é uma pequena África.

Para dar vida e dinâmica ao jogo, cada espaço foi analisado e classificado a partir de quatro pilares essenciais: Religioso, Político, Artístico e Histórico. Certamente, a história da Pequena África é tão interconectada que, em um olhar puramente acadêmico, poderíamos aplicar todas as quatro tags ou marcadores a cada um dos 15 locais – o Cais do Valongo, por exemplo, é inegavelmente religioso, político, artístico e histórico.

No entanto, como desenvolvedores de jogos e contadores de histórias, nossa missão não é apenas listar fatos, mas também criar ênfase. A decisão de restringir cada carta a apenas duas tags foi deliberada e essencial para a jogabilidade. Essa restrição força o jogador a olhar para o local por uma lente específica e, mais impor-

tante, nos obriga a defender uma perspectiva. A disputa no jogo não é sobre qual espaço é mais importante, mas sim sobre qual aspecto daquele marco – a arte, a política, a fé ou a história – será o ponto focal estratégico da rodada. Essa escolha é um ato político e didático: ensina a priorizar e argumentar sobre a multifacetada identidade de cada um desses lugares.

Além das cartas de locais, há cinco cartas de ações diferentes e específicas. Cada uma traz mais emoção, dinamicidade e uma pitada de competitividade em cada um dos modos de jogo. Seus nomes foram inspirados na ancestralidade que permeia a Rota dos Tambores. O “Griot”, sendo um guardião da memória e da tradição, transmite conhecimentos ancestrais, e nenhum lugar é inacessível para ele. O “Escambo”, que é uma troca ou permuta, uma prática ancestral que antecede o sistema monetário. O que será que essas ações farão ao jogo?

Somando à jogabilidade do “Construa o Seu Caminho”, dispositivo que nos inspirou, criamos um modo chamado Rotas Temáticas, que adiciona mais uma camada de estratégia, que requer memória e atenção dos participantes. Enquanto no primeiro modo cada jogador recebe um objetivo – uma rota com quatro lugares específicos – para ser colecionado em mãos, o segundo modo agrega a relação entre os lugares e as tags criadas. Agora, é possível criarmos Rotas Políticas pela região. Ou conhecermos a cidade através de Rotas Religiosas, Históricas ou Artísticas.

Cada uma das 10 cartas de locais adjacentes possui duas tags. Confesso que foi difícil decidir quais aspectos iríamos ressaltar para cada lugar. Como exemplo, cito a carta “Praia do Caju” – que faz parte do conjunto “Caju”, junto com a carta Casa de Banhos de D. João VI. Ao darmos prioridade aos aspectos Histórico e Político, estamos mirando na fundação do Brasil Império no Caju e na prática de banho dos povos originários e afrodiáspóricos. Mas a força dessa dupla reside na crítica política ao presente: um espaço de tamanha relevância histórica que hoje é negligenciado pelo poder público. Deixar de fora o Religioso ou Artístico não nega sua existência, mas foca o olhar do jogador no binômio memória-abandono.

Na carta “Monumento a Zumbi dos Palmares” a escolha é uma celebração aberta. A tag Político é incontornável: a estátua é um farol de representatividade e resistência, contestando a narrativa oficial dos “vencedores”. A tag Artístico reforça que a própria criação e o design desse monumento são um ato político potente, garantindo que a memória de

Zumbi não seja apenas história, mas uma manifestação viva e criativa que desafia o *status quo* de ícones coloniais que encontramos pela cidade.

Assim como todo dispositivo artístico-pedagógico que criamos na Escola do Olhar, o “Rota dos Tambores: O Jogo” não se fecha apenas na dinâmica de colecionar cartas, ganhar ou perder. Com ele é possível iniciar uma conversa sobre a região, nos questionar se aquelas tags caberiam ou não em uma determinada carta, ou quais outras características nos vêm à mente quando visitamos ou apenas falamos sobre esses espaços. E claro: jogue, construa seu caminho e quem sabe, após a partida, você vá pessoalmente aos lugares e indique novas rotas e outras perspectivas!

“  
TODA CIDADE É UMA  
PEQUENA ÁFRICA  
”







# FICHA TÉCNICA

## JORNAL DOS VIZINHOS 2025

**Felipe Viana**  
**Patrícia Marys**  
**Raquel Carriconde**  
**Rodrigo Almeida**  
Edição Geral

**Raquel Carriconde**  
Produção Editorial

**Luís Gustavo Carmo**  
Edição de Conteúdo

**Ingrid Gomes**  
Revisão

**Alberto Pereira**  
Artista convidado

**João Gabriel Peixoto**  
**Bernard Gotelip**  
Design Gráfico

**Guilherme Carvalho**  
Concepção e criação do jogo RTA

**Douglas Dobby**  
Fotos

**WSM Gráfica**  
Impressão

**Antônio Carlos Rodrigues**  
**Camila Zarite**  
**Francisco Valle**  
**Gracy Mary Moreira**  
**Guilherme Carvalho**  
**Luz Fogaça**  
**Mãe Celina de Xangô e sua Equipe**  
**Marcos Luiz da Silva**  
**Raphael Pippa**  
Colunistas



# FICHA TÉCNICA

## Organização de Estados Ibero-Americanos (OEI) Organización de Estados Iberoamericanos (OEI) Organization of Ibero-American States (OEI)

### Mariano Jabonero

Secretário-Geral da OEI  
Secretario General de OEI  
General Secretary of OEI

### Raphael Callou

Diretor-Geral de Cultura da OEI  
Director General de Cultura de OEI  
General Director of Culture of OEI

### Rodrigo Rossi

Diretor e Chefe da Representação da OEI no Brasil  
Director y Jefe de la Representación de la OEI en Brasil  
Director and Head of the OEI Representation in Brazil

### Amira Lizarazo

Coordenadora de Administração e Finanças da OEI no Brasil  
Coordinadora de Administración y Finanzas de la OEI en Brasil  
Administration and Finance Coordinator at OEI in Brazil

### Telma Teixeira

Coordenadora de Cooperação e Desenvolvimento da OEI no Brasil  
Coordinadora de Cooperación y Desarrollo de la OEI en Brasil  
Cooperation and Development Coordinator at OEI Brazil

### Leandro Bertoletti

Gerente de Comunicação da OEI no Brasil  
Gerente de Comunicación de la OEI en Brasil  
Communication Manager at

## MUSEU DE ARTE DO RIO

OEI in Brazil

### Luiz José da Silva

Gerente de Administração da OEI no Brasil  
Gerente de Administración de la OEI en Brasil  
Administration Manager at OEI in Brazil

### Fábio Ferreira Mendes

Gerente de Tecnologia da OEI no Brasil  
Gerente de Tecnología de la OEI en Brasil  
Development Analyst at OEI in Brazil

## Museu de Arte do Rio Museo de Arte de Río Rio Art Museum

### Marcelo Velloso

Diretor-Executivo do MAR  
Director Ejecutivo del MAR  
Executive Director

### Marcelo Campos

Curador Chefe  
Curador Jefe  
Chief Curator

### Gabriela Castilho

Coordenadora-Geral de Administração  
Coordinador de Administración General  
General Administration Coordinator

### Marcelo Andrade

Coordenador de Comunicação de Equipamentos Culturais  
Coordinador de Comunicación de Equipamientos Culturales  
Cultural Facilities Communications Coordinator

### Patrícia Marys

Coordenadora de Educação de Equipamentos Culturais e Escola do Olhar (MAR)  
Coordinadora de Educación de Equipamientos Culturales y de la Escola do Olhar (MAR)  
Cultural Facilities and Escola do Olhar (MAR) Education Coordinator

### Amanda Bonan

Gerente de Curadoria  
Gerente de Curaduría  
Curatorship Manager

### Andréa Zabrieszach dos Santos

Gerente de Museologia  
Gerente de Museología  
Museology Manager

### Carla Cal

Gerente de Relações Institucionais e Eventos  
Gerente de Relaciones Institucionales y Eventos  
Institutional Relations and Events Manager

### Carolina Cavalcanti

Gerente de Novos Negócios  
Gerente de Nuevos Proyectos  
Partnership Manager

### Matheus Silva

Gerente de Planejamento e Projetos  
Gerente de Planificación y Proyectos  
Planning and Project Manager

### Stella Paiva

Gerente de Produção  
Gerente de Producción  
Production Manager

### Adrielle Vieira

Educadora  
Educadora  
Educator

### Alan Martins

Analista Financeiro  
Analista de Finanzas  
Financial Analyst

### Alverindo Borges

Oficial de Manutenção Hidráulica  
Técnico de Mantenimiento Hidráulico  
Hydraulic Maintenance Technician

### Amanda Minguta

Assistente Administrativa  
Asistente Administrativa  
Administrative Assistant

### Amanda Rezende

Curadora Assistente  
Curador Asistente  
Assistant Curator

### Ândrea Müller

Assistente de Relações Institucionais  
Asistente de Relaciones Institucionales  
Institutional Relations Assistant

### Bernard Gotelip

Supervisor de Design  
Supervisor de Diseño  
Design Supervisor

### Bruna Nicolau

Museóloga  
Museóloga  
Museologist

### Caroline Silva

Analista de Infraestruturas e Sistemas  
Asistente de Infraestructuras y Sistemas  
Infrastructure and Systems Assistant

### Claúdia Araújo

Assistente Administrativo da Escola do Olhar  
Asistente Administrativo de la Escola do Olhar  
Administrative Assistant at Escola do Olhar

### Clarice Saisse

Educadora  
Educadora  
Educator

### Enzo Accioly

Assistente Financeiro  
Asistente Financiero  
Financial Assistant

### Felipe Viana

Educador de Projetos  
Educador de Proyectos  
Project Educator

### Guilherme Carvalho

Educador Pleno  
Educador Pleno  
Mid-level Educator

### Hugo Pansini

Assistente de Produção  
Asistente de Producción  
Production Assistant

### Isabela Cruz

Assistente de Gestão de Acervo Museológico  
Asistente de Gestión de Colecciones de Museo  
Museum Collection Management Assistant

### Iuna Patacho

Produtora  
Productor  
Producer

### Jean Carlos Azuos

Curador Assistente  
Curador Asistente  
Assistant Curator

### João Gabriel Peixoto

Design Gráfico  
Diseño Gráfico  
Graphic Design

### Josecleiton dos Santos

Oficial de Manutenção Elétrica  
Técnico de Mantenimiento Eléctrico  
Electrical Maintenance Technician

### Juliana Cazumbá

Educadora  
Educador  
Educator

### Karen Merlim

Bibliotecária e Documentalista  
Bibliotecaria y Documentalista  
Librarian and Documentarian

### Luana Santos

Assistente de Gestão de Acervo Museológico  
Asistente de Gestión de Colecciones de Museo  
Museum Collection Management Assistant

### Luciano Pereira

Oficial de Manutenção Elétrica  
Técnico de Mantenimiento Eléctrico  
Electrical Maintenance Technician

### Luís Gustavo Carmo

Assistente de Comunicação  
Asistente de Comunicación  
Communications Assistant

### Marcos Inácio Meireles

Supervisor de Montagem  
Supervisor de Instalación de Obras de Arte  
Artwork Installation Supervisor

### Maria Rita Valentim

Educadora de Projetos  
Educadora de Proyectos  
Project Educator



**Miguel Arthur**

Supervisor de Operações  
Supervisor de Operaciones  
Operations Supervisor

**Nana Rosas**

Produtora da Escola do Olhar  
Productor de la Escola do Olhar  
Producer at Escola do Olhar

**Nathan Gomes**

Assistente de Operações e T.I  
Asistente de Operaciones y TI  
Operations and IT Assistant

**Nicholas Bastos**

Produtor  
Productor  
Producer

**Priscilla Casagrande**

Assessora de Imprensa  
Asesora de Prensa  
Press Advisor

**Priscilla Souza**

Educadora de Projetos  
Educadora de Proyectos  
Project Educator

**Priscila Zurita**

Assistente de Museologia  
Asistente de Museología  
Museology Assistant

**Rafael Braga**

Analista de Relações Institucionais  
Analista de Relaciones  
Institucionale  
Institutional  
Relations Analyst

**Renata de Almeida**

Assessora de Comunicação  
Asesor de Comunicación  
Communication Advisor

**Renato Dias**

Montador  
Técnico de Instalación de  
Obras de Arte  
Artwork Installation Technician

**Renato Vieira**

Produtor  
Productor  
Producer

**Rodrigo Almeida**

Produtor da Escola do Olhar  
Productor de la Escola do Olhar  
Producer at Escola do Olhar

**Rosinaldo José de Oliveira**

Oficial de Manutenção Hidráulica  
Técnico de Mantenimiento  
Hidráulico  
Hydraulic Maintenance  
Technician

**Saturno Douglas**

Produtor Executivo  
Productor Ejecutivo  
Executive Producer

**Sidnei Gama**

Mediador Literário  
Mediador Literario  
Literally Mediator

**Tatiana Paz**

Educadora  
Educadora  
Educator

**Thainá Nascimento**

Assistente de Projetos  
Asistente de Proyecto  
Project Assistant

**Thayná Trindade**

Curadora Assistente  
Curador Asistente  
Assistant Curator

**Atendimento**

**Nathália Gonçalves**

Supervisora de Atendimento  
Service Supervisor  
Supervisor de Servicio

**Fernanda Cristina, Letícia  
Barbosa, Regina Barbosa,  
Thaís Carneiro, Yan Villarinho**

Assistentes Operacionais  
Asistentes Operativos  
Operational Assistants

**Arthur Dupim, Dhandara  
Mariano, Gabriel André,  
Gabriela Duarte, Jefferson  
Verissimo, Jonathan Soares,  
Juliana Antunes, Júnior Lima,  
Lennon Tibúrcio, Ludmyla  
Nascimento, Rafael De  
Paula, Raquel Dos Santos,  
Reinan Queiroz e Silvia  
Amâncio**

Mnitores  
Monitores  
Monitors

**Estagiários**

**Ashilla Cristiny Ribeiro, Carol  
Nunes, Julia Borges, Mariana  
Borges e Ystonlon Guedes.**

**PREFEITURA DO RIO DE  
JANEIRO  
Ayuntamiento de Rio de  
Janeiro  
Rio de Janeiro City Hall**

**Eduardo Paes**

Prefeito  
Alcalde  
Mayor

**Lucas Padilha**

Secretário Municipal de Cultura  
Secretario Municipal de Cultura  
Municipal Secretary of Culture

**Flávia Piana**

Subsecretária de Cultura  
Subsecretaria de Cultura  
Undersecretary of Culture

**Heloísa Queiroz**

Gerente de Museus  
Gerente del Museos  
Museums Manager

**CONMAR  
CONSELHO MUNICIPAL  
DO MUSEU DE ARTE DO  
RIO – CONMAR  
CONSEJO MUNICIPAL  
DEL MUSEO DE ARTE DE  
RÍO  
MUNICIPAL COUNCIL OF  
THE RIO ART MUSEUM**

**Luiz Chrysostomo**

Presidente  
Presidente  
President

**José Roberto Marinho, Geny  
Nissenbaum, Hugo Barreto,  
Luiz Paulo Montenegro, Mar-  
celo Calero, Paulo Niemeyer  
Filho, Pedro Buarque de Ho-  
landa, Ronald Munk, Eduardo  
Cavaliere**

Conselheiros  
Consejeros  
Counselors

**INSTITUTO  
ARTECIDADANIA**

Correalização  
Co-realización  
Co-realization

**José Peixoto da Silveira Junior**

Diretor Presidente  
Director Presidente  
CEO

**Animus Consultoria  
e Gestão**

**Michelle Ferrarezzo  
Mariana Ximenes  
Mariana Teixeira**

Consultoria e Gestão Administra-  
tiva e Financeira  
Administrative and Financial  
Consulting and Management  
Consultoría y Gestión Adminis-  
trativa y Financiera

**CQS/FV – Cesnik, Quintino, Sa-  
linas, Fittipaldi e Valerio Advo-  
gados  
Fabio de Sá Cesnik  
José Mauricio Fittipaldi  
Aline Akemi Freitas  
Flavia Manso**

Assessoria Jurídica  
Asesoría Jurídica  
Legal Advice



Ficha catalográfica Jornal dos Vizinhos

O45      O Olhar dos vizinhos no jornal da zona. – v. 8, (2018-). – Rio de Janeiro: Museu de Arte do Rio: Escola do Olhar, 2025.

v. 8 .: il.; 31cm

Anual, 2018-.

1. Arte-Educação – Pesquisa – Periódicos 2. Mediação Cultural – Museus. 3. Território – Vizinhos – Museu de Arte Rio de Janeiro. I. Marys, Patrícia. II. Viana, Felipe III. Almeida, Rodrigo. IV. Carriconde, Raquel.V. Museu de Arte do Rio. VI. Organização dos Estados Ibero-americanos.

CDU 37(05)"550.1"

Bibliotecária: Karen Merlim – CRB-7 /7101



Ministério da Cultura, Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro  
e Secretaria Municipal de Cultura  
apresentam



ESCOLA  
DO OLHAR

# JORNAL DOS VIZINHOS

O OLHAR DOS VIZINHOS NO JORNAL DA ZONA

Mantenha a cidade limpa.

Não jogue em via pública.  
Faça o descarte consciente.



Lei Rouanet  
Incentivo a  
Projetos Culturais



MANTENEDOR



VALE

PATROCÍNIO MASTER



PATROCÍNIO OURO



APOIO



PARCEIRO DE MÍDIA



ESCOLA DO OLHAR

PARCERIA  
ESTRATÉGICA



LEI DE INCENTIVO MUNICIPAL  
PATROCÍNIO



LEI DE INCENTIVO MUNICIPAL  
APOIO



LEI DE INCENTIVO MUNICIPAL



GESTÃO



CORREALIZAÇÃO



APOIO



CONCEPÇÃO E REALIZAÇÃO



REALIZAÇÃO

